

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**

THIAGO SANTANA RIBEIRO

“Consciência Criativa - Princípios pedagógicos gnósticos aplicados a Jogos Teatrais”

**FLORIANÓPOLIS
NOVEMBRO/2013**

Thiago Santana Ribeiro

“Consciência Criativa - Princípios pedagógicos gnósticos aplicados a Jogos Teatrais”

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Graduação de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para obtenção do título de bacharel em Artes
Cênicas.

Orientadora: Maria de Fátima de Souza Moretti

**FLORIANÓPOLIS
NOVEMBRO/2013**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente a algumas pessoas. Em primeiro lugar à minha mãe, a professora Quitéria Santana Ribeiro, minha inspiradora. Professora há mais de 30 anos foi quem me ensinou sobre o Amor e como transmiti-lo. Sobre como não ter medo ou vergonha de demonstrar afetividade pelas pessoas. Com ela aprendi sobre o profundo significado que encerra a palavra Afeto.

Gostaria de agradecer ao querido amigo, irmão, Joel Vicente Ruocco. Por compartilhar o conhecimento que possui com tanta dedicação e comprometimento. Joel é a pessoa com quem mais aprendi em minha vida e com quem tive o imenso privilégio de aprender sobre a vida e sua significação mais profunda. Com ele aprendi o significado que encerra a palavra Sacrifício.

Agradeço também a minha esposa, namorada, amiga, companheira de todos os momentos Natália Regina da Silva, meu grande amor. Presença fiel em todos os momentos de minha vida é com quem a cada dia mais aprendo e resignifico o Amor.

Agradeço também a professora Janaína Trasel Martins pela companhia e pela orientação ao longo de toda graduação. Além de uma amiga querida, é uma inspiração para mim, pois é um exemplo de que é possível atuar no ambiente acadêmico mantendo a sensibilidade em relação a outros aspectos presentes em nossa vida além do intelecto.

Gostaria de também agradecer a professora, orientadora e mestra bonequeira Maria de Fátima de Souza Moretti, a Sassá. Pela disponibilidade, carinho e atenção com que me orientou durante o processo de montagem na sétima fase do curso e também na nos últimos detalhes referentes a esse trabalho. Sassá tem o dom de transformar as relações formais entre professor e aluno numa relação simplesmente humana.

Agradeço a professora, atriz, pesquisadora, e antes de tudo, amiga, Priscila Genara Padilha. Pela disponibilidade e pelas ricas contribuições que fez como membro da banca de defesa deste trabalho, mas, principalmente, por tudo que pude aprender com ela sobre a prática teatral ao longo do curso. Priscila tem uma das qualidades que mais admiro num ser humano que é demonstrar seu discurso mais por meio de ações do que por palavras.

E por fim, agradeço ao professor e pesquisador da UDESC Juliano Borba. Pela generosidade e contribuição como membro da banca de defesa deste trabalho. Preciso nas considerações e sugestões sobre o trabalho.

“Através da espontaneidade somos reformados em nós mesmos. A espontaneidade cria uma explosão que por um momento nos liberta de quadros estáticos, da memória sufocada por velhos fatos e informações, de teorias não digeridas e técnicas que são na realidade descobertas de outros. A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos, e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa.”
(VIOLA SPOLIN, 2010, p. 04).

RESUMO

A linguagem teatral como meio para desenvolver princípios pedagógicos específicos. Assim, resume-se esse trabalho quando reduzido a uma única frase.

O presente trabalho visa estudar princípios e exercícios pertencentes a duas áreas que se complementam: os jogos teatrais e todas suas possibilidades; e o conhecimento gnóstico ligado ao despertar da Consciência. A mescla de alguns princípios e exercícios será base para propor questionamentos sobre a pedagogia atual e para apresentar práticas ligadas a oficinas de teatro que auxiliem na formação integral de um indivíduo.

Os princípios pedagógicos gnósticos levantados serão colocados à prática em aulas de teatro ministradas para crianças e jovens entre seis e treze anos de idade, em uma comunidade carente do município de Florianópolis - SC. As aulas são ministradas num Centro Educacional Marista, instituição presente em 79 países do mundo que atua na área educacional e cuja proposta é trabalhar com um sistema de educação integral.

A proposta das oficinas teatrais é promover o desenvolvimento da Consciência Criativa e da capacidade de reflexão dessas crianças. Através de jogos teatrais e exercícios de consciência criativa e corporal, o objetivo é ajudá-las a encontrar diversos meios para expressarem-se, por outros meios que não o da violência, como é comum observarmos na rotina do centro educacional.

O teatro pode, portanto, ajudar essas crianças a desenvolver novas formas de expressão? Desenvolver a consciência criativa e a capacidade expressiva pode ajudá-las a construir sua realidade pessoal e profissional?

O objetivo deste trabalho é apresentar o embasamento pedagógico em que as aulas foram elaboradas, a forma como foram aplicadas e refletir sobre o resultado observado. O olhar estará menos voltado para a assimilação ou não de uma técnica teatral, mas sim para um possível desenvolvimento da Consciência Criativa dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Social; Gnosis; Jogos Teatrais; Consciência Criativa; Educação e Teatro.

ABSTRACT

The theatrical language as a means to develop specific pedagogical principles. So it boils down to this work when reduced to a single sentence.

The present work aims to study the principles and exercises pertaining to two areas that complement each other: theater games and all its possibilities, and the Gnostic knowledge connected with the awakening of consciousness. A mix of some principles and exercises will be the basis for proposing questions about the current pedagogy and practices related to present theater workshops to assist in the integral formation of an individual. The Gnostics pedagogical principles raised will be put to practice in acting classes taught to children and young people aged between six and thirteen years old, in a poor community in Florianópolis - SC. Classes are taught in a Marista , present in 79 countries around the world engaged in the educational area and the proposal is to work with a system of integral education institution Educational Center.

The proposal of theatrical workshops is to promote the development of Creative Consciousness and the reflectivity of these children. Through theater games and creative exercises and body awareness, the goal is to help them find different ways to express themselves, by other means than violence, as is common to observe the routine of the educational center.

The theater can therefore help these children develop new forms of expression? Develop creative consciousness and expressive power can help them build their personal and professional reality?

The objective of this paper is to present the pedagogical foundation on which classes are developed, how they were implemented and reflect on the observed result. The look will be less focused on assimilation or not a theatrical technique, but rather to a possible development of Creative Consciousness of students.

KEYWORDS

Social Education; Theater Games; Creative Consciousness; Education and Theatre.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 1. GNOSE..... | 17 |
| 2. MARISTAS..... | 21 |
| 3. CONSCIÊNCIA CRIATIVA..... | 24 |
| 3.1. Princípios pedagógicos dos Jogos Teatrais..... | 24 |
| 3.2. Princípios pedagógicos Gnósticos..... | 27 |
| 3.2.1. Princípio 1 – Imitação..... | 27 |
| 3.2.2. Princípio 2 – Os Três Cérebros..... | 31 |
| 3.2.3. Princípio 3 – Autoridade..... | 33 |
| 3.2.4. Princípio 4 – Simplicidade..... | 37 |
| 3.2.5. Princípio 5 – Vocação..... | 43 |
| 3.2.6. Princípio 6 – O Bem e o Mal..... | 45 |
| 4. JOGOS TEATRAIS: aplicações práticas para desenvolvimento da Consciência Criativa..... | 52 |
| 4.1. Livre Iniciativa..... | 52 |
| 4.2. Coragem..... | 57 |
| 4.3. Memória..... | 60 |
| 4.4. Escuta..... | 61 |
| 4.5. Disciplina..... | 64 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 68 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 72 |

INTRODUÇÃO

O foco do presente estudo é desenvolver uma proposta pedagógica para oficinas de teatro a partir de princípios gnósticos mesclados a jogos teatrais e exercícios de consciência criativa.

Essa soma de princípios e exercícios é a base para a elaboração de uma linha pedagógica para oficinas de teatro. O objetivo das oficinas é permitir ao participante se auto explorar quanto à sua consciência corporal e quanto a suas habilidades ligadas a capacidade de se expressar e criar com consciência.

A práxis, que é produto desses princípios e exercícios, foi aplicada em oficinas chamadas '*Oficinas de Comunicação*', na Universidade Federal de Santa Catarina durante o período de um ano (2011-2012) com estudantes de diversas áreas da mesma universidade. No presente estudo, essa mesma práxis será aplicada para jovens e crianças carentes de um centro educacional presente em uma comunidade de Florianópolis – SC, onde exerço a função de professor de teatro neste mesmo centro educacional. Pretendo aqui compartilhar um pouco das experiências pedagógicas vivenciadas nesse local e das reflexões geradas a partir desta relação com as crianças e jovens do local.

O motivo que me trouxe até esta pesquisa iniciou em 2009, quando tive o primeiro contato com jogos teatrais e o universo das oficinas livres de teatro. Ali um novo mundo se abriu diante de minha percepção. Ao participar de uma oficina de teatro pela primeira vez, apesar de ser completamente leigo até então, de imediato percebi a riqueza que aquelas práticas tinham e podem ter. Descobri-me novamente naquele estado de infância da brincadeira, em que tudo parece novo, divertido, e que não nos importamos com o insistente chamado da mãe para vir tomar banho ou jantar. De repente, em meio à repetição cansativa e mecânica do dia-a-dia de fazer as mesmas coisas, as mesmas ações, deparei-me de novo com o estado de novidade, de leveza, de uma maior sensação de liberdade na ação física: deparei-me com a sensação de criar.

Esse contato com os jogos teatrais e a prática teatral foi um 'divisor de águas' em minha vida profissional, foi algo que realmente me transformou. Na ocasião, eu cursava faculdade de administração na mesma Universidade Federal de Santa Catarina e era gerente de marketing de uma empresa. Com cerca de dois meses fazendo a citada oficina pedi transferência para o curso de Artes Cênicas nessa mesma universidade, determinado a me aprofundar naquelas práticas que se mostravam tão ricas e de algum modo fazer disso meu

estudo e minha profissão. Ao longo deste presente trabalho defendo a prática teatral como um elemento transformador e capaz de promover naquele que se permite grandes mudanças. Defendo isto não apenas porque acredito, mas porque foi algo que vivenciei.

Em paralelo a isso, desde 2008, estudo e pratico temas ligados à meditação e ao gnosticismo. Mas qual seria a relação entre meditação e oficinas de teatro? Para ilustrar o porquê acredito serem atividades que se complementam, faz-se necessário uma breve explicação sobre o tema. Entendo meditação como a prática de colocar a mente em um silêncio profundo, livre da habitual agitação intelectual e do contínuo ‘discurso interior’, ‘discurso íntimo’. Para fazer uma analogia sobre a forma como entendo a meditação, é como se a mente fosse um lago que, quando sereno, sem qualquer perturbação na superfície, torna-se um espelho de nossa própria Consciência. Quando a mente não produz pensamentos, podemos ver a nós mesmos tal qual somos, podemos observar a existência sem interpretações turvas, subjetivas. Os pensamentos são como pedras que caem no lago e iniciam um processo mecânico de ondulações que turvam, distorcem, a capacidade de ser espelho.

Meu objetivo é fazer do teatro um meio para promover esta percepção, um meio para que essas crianças descubram isso, experimentem, sintam isso. O estado meditativo, de mente serena, nos permite experimentar, comprovar, que cada segundo é único, que cada respiração é uma novidade e que o movimento do criar flui através desse estado intrínseco de silêncio. Nesse estado compreendemos que os acontecimentos exteriores, tudo que nos rodeia, são passageiros.

O estado meditativo nos faz perceber que o mundo exterior a nós mesmos é uma dança das formas que se cristaliza e se desfaz constantemente, sem qualquer permanência, sem estagnação de nenhuma espécie, trazendo a compreensão a aquele que medita que, ainda que exista, o mundo exterior é uma grande ilusão passageira e de nada adianta tentar se ‘agarrar’ a ele. Assim, nos identificamos menos com os eventos exteriores, nos tornamos menos vítimas das circunstâncias e menos reféns de influências destrutivas. Compreendemos que o mundo interior é Real e vasto, e que deve ser explorado e compreendido.

Percebo que durante a prática de meditação entro em contato como uma espécie de ponto zero dentro de mim mesmo, um ponto que tento definir como o observador da existência, podendo definir esse ponto a isso que chamamos de Consciência. Mas o que é, afinal, Consciência? A partir da visão do filósofo Samael Aun Weor (WEOR, 2001), entendo Consciência como a faculdade ou capacidade de saber que estou vivo e quais são os

fenômenos que ocorrem ao meu redor. Percebo a gravidade sob meus pés, por exemplo, o ambiente em que estou e se está frio ou calor graças à Percepção e à Consciência. A percepção sendo uma espécie de captador dessas impressões e a consciência a testemunha desta percepção. Além dos fenômenos que acontecem a minha volta, também os processos que se passam dentro de mim. Quando estou chateado ou eufórico, ansioso ou sereno, irritado ou preguiçoso, só percebo esses diferentes ‘sabores psicológicos’ devido a isso que chamamos de Consciência.

Difícil definir em palavras, o estado meditativo é aprofundar-se, estabelecer-se na Consciência. Ali percebe-se que essa se acha embutida, ‘engarrafada’, dentro disso que chamamos de ‘eu’, de ‘mim mesmo’, e que é mais profunda e de natureza distinta que a persona falante do cotidiano. Algo que o filósofo Khalil Gibran resume muito bem em sua frase: “O Real em nós é silencioso; o adquirido é falante.” Em estado de meditação sinto que a consciência é a raiz daquilo que sou, de minha identidade, a raiz disso que chamamos de Percepção e que está a observar o fenômeno de estar vivo. No entanto, só tenho um contato mais íntimo, mais profundo, nesse momento de meditação em que os pensamentos cessam. Nesse estado é possível vivenciar, experimentar, o estado de plenitude e de consciência criadora.

Ainda sobre os motivos que me trouxeram a esta pesquisa, com o desenrolar da primeira oficina que participei em 2009, passei a perceber algumas curiosidades. Assim como na meditação, comecei a me deparar com minha mecanicidade ao agir e falar. Percebi que havia um padrão, uma espécie de ‘gesso’ ou de ‘camisa de força’ mental, que me faz agir sempre de acordo com experiências vividas anteriormente, de acordo com a memória e dentro de uma zona de conforto da ação e da comunicação. Nos exercícios de improvisação a que éramos submetidos, inevitavelmente esbarrava nessa barreira psicológica, nessa ‘armadura’ rígida que limitava minhas formas de se expressar e de interagir com o outro. Perceber essa ‘courage’ foi fundamental para compreender o quanto o ‘meu jeito’, ‘minha opinião’, ‘minhas ações’ é algo subjetivo e limitado, e assim comecei a me desfazer dessa rigidez na forma de ser e de expressar.

Notei que o estado de percepção durante um exercício de improvisação e o estado meditativo são próximos. Ainda que a percepção na improvisação não tenha a mesma profundidade que na meditação, eles têm a mesma natureza. Em meditação, desfeita a nuvem de pensamentos que mecaniza e programa as ações, se tem um contato direto com a realidade,

se tem a percepção de novidade, de que cada segundo existindo é novo, é único. Isso gera um estado de inocência e o mundo parece um lugar grande e divertido que deve ser explorado. Muito parecido à sensação que sentimos quando crianças e estamos brincando. E assim também é durante um jogo de improvisação, pois se trata de uma situação totalmente nova. A única saída é estar completamente atento, em estado de alerta-novidade, para lidar com a situação proposta. E resulta curioso que quanto mais você se entrega a situação e mergulha ‘limpo’, sem pré-julgamentos, melhor é o seu desempenho, melhor você flui dentro daquela experiência proposta. E isso é estar em contato com a própria Consciência. Da mesma forma, a sensação durante um jogo é de brincadeira, diversão e espontaneidade. Acredito que uma pedagogia de jogos teatrais pode contribuir muito na formação e na educação de um indivíduo. E num segundo momento, trazê-lo a esse estado meditativo que provoca uma compreensão mais profunda sobre si.

Para refletir sobre princípios pedagógicos e experimentá-los à prática, vou utilizar como principal teórico o já mencionado autor Samael Aun Weor: filósofo, antropólogo e com importantíssimas contribuições para o campo da psicologia. Escolhi embasar minha pesquisa no citado autor, pois o mesmo dedica-se fortemente a desenvolver o tema Consciência e como despertá-la, ampliá-la, e por ser o fundador do Movimento Gnóstico contemporâneo, foco de minha pesquisa. Autor de mais de setenta livros, dentre eles, a obra “Educação Fundamental” (WEOR, 2008), na qual discorre sobre sua visão do que seria uma formação escolar voltada para o despertar da consciência dos estudantes. Weor (2008) defende que os sistemas de ensino atuais são embasados em alimentar a memória dos estudantes com informação intelectual, resumindo o conhecimento dos alunos a quantidade de teorias alheias armazenadas na mente, sem que necessariamente tenha havido uma experimentação e uma compreensão profunda sobre os temas que se estuda. O resultado seria uma falsa educação em que o que é considerado ‘conhecimento’, muitas vezes, são apenas crenças, sem uma comprovação por parte daqueles que as estudam. Para o autor, os professores devem preocupar-se em dirigir informações a isso que se chama a Consciência dos alunos ao invés de dirigi-las à memória.

A justificativa para desenvolver esse estudo é baseada na reflexão de Weor em seu livro ‘Educação Fundamental’ (2008) e parte da ideia de que nesse momento crianças, jovens e adultos em todo o mundo estão indo à escola e à universidade na maior parte das vezes de forma automática, inconsciente, subjetiva, ou seja, muitas vezes sem saber realmente por que, nem para quê. São orientados desde muito novos a estudar matemática, física, química,

geografia, etc. A mente dos estudantes está recebendo informações diariamente, mas na maioria das vezes não há um momento de reflexão autêntica para saber no por que dessa informação, no objetivo dessa informação. Normalmente, a preocupação principal está em ‘passar de ano’. Os estudantes são instruídos que o vital é se preparar para ganhar a vida, que o essencial é possuir uma formação que o garanta conseguir um bom emprego, etc., e assim estudam focados nas fantasias da mente com relação ao próprio futuro, sem necessariamente saber o verdadeiro motivo pelo qual devem estudar física, química, biologia, matemática, etc.

Weor destaca que passar em um exame não significa ter Consciência Objetiva sobre aquela matéria em que foi examinado. O estudante memoriza e repete como um papagaio, de forma mecânica, aquela matéria que estudou e na qual foi examinado. Isto não significa estar Autoconsciente daquela matéria, ou seja, não significa ter experimentado e compreendido profundamente aquilo que se estuda, não significa ter tomado consciência do fenômeno em questão, isso é apenas memorizar e repetir, como um papagaio.

‘Passar de ano’ não significa necessariamente ser inteligente ou ter desenvolvido a própria inteligência. “Há algo mais importante que ‘passar de ano’, (...) e é, precisamente, ter plena Consciência Objetiva, clara e luminosa sobre aquelas matérias que se estudam.” (WEOR, 2008, p. 13). O autor defende que os professores devem se esforçar para Despertar a Consciência dos estudantes acerca dos fenômenos estudados.

Mais do que conhecer teorias alheias e memorizar livros, acreditando assim estar bem documentados, causando uma falsa sensação de ‘saber’, os próprios professores devem se fazer Autoconscientes do que é passado em sala de aula ao invés de apenas depositar informações na memória dos estudantes, dando continuidade ao processo de transmitir às novas gerações crenças e teorias não necessariamente experimentadas e comprovadas.

Ao longo da história abundam incontáveis ‘verdades’ sobre o que é conhecimento. Basta lembrar a forma ‘quadrada’ da Terra e a disposição geocêntrica do universo, por exemplo, questionadas e comprovadas como falsas por Colombo e Galileu, respectivamente, dando origem a uma nova forma de perceber a realidade. O que dizer sobre as diferentes organizações sociais que já foram consideradas éticas ou ‘normais’, como a escravidão, por exemplo? Será que hoje não há nada verdadeiramente absurdo que, como cegos, consideramos normal?

Cada um é livre pra pensar como queira, mas enxergo na escola uma grande indústria de formação profissional cujo produto final são ‘peças’ para servir de maneira eficiente à máquina social, ignorando quase que completamente o sentido existencial que implica o estar vivo, como se a vida pudesse ser resumida ao trabalho que exercemos. Os

estudantes estudam com o propósito principal de conseguir um bom emprego, semear uma carreira. Mais tarde, tornam-se profissionais, médicos, advogados, professores, administradores, etc., e a única coisa que conseguem é repetir a mesma história de sempre que podemos observar em nós mesmos e naqueles que nos rodeiam: casam-se, sofrem, têm filhos e morrem sem haver despertado consciência, sem haver compreendido de fato o que, afinal, significa estar vivo. Depois de ter dedicado toda sua vida, toda sua energia em prol de seu trabalho, morrem sem saber o porquê de tudo isso, sem necessariamente haver tido consciência de sua própria vida. Afirmar Weor:

De nada serve enchermos a cabeça de teorias e mais teorias e citar Dante, Homero, Virgílio, etc., se temos a Consciência adormecida, se não temos Consciência Objetiva, clara e perfeita sobre nós mesmos, sobre as matérias que estudamos, sobre a vida prática (WEOR, 2008, p. 14).

Para o autor, qualquer um sabe ler, escrever e memorizar. O que necessitamos é que sejamos inteligentes de verdade e a inteligência é uma atividade da consciência. Para despertar consciência é preciso converter o Subconsciente em Consciente.

Samael afirma que o esforço dos professores deve dirigir-se à Consciência dos estudantes para que aprendam a pensar por si mesmos ao invés de apenas reproduzir teorias alheias. Levanta a importância de lutar para acabar com o medo dos estudantes. Deve-se conceder a liberdade de dissentir e criticar de forma saudável e construtiva todas as teorias que se estuda. Segundo o autor, é absurdo obrigá-los a aceitar de forma dogmática as teorias que se ensinam. E o medo é uma das principais barreiras da Inteligência. O estudante com medo não se atreve a discordar e aceita como artigo de fé cega tudo o que disserem os distintos autores.

O medo impede a chamada ‘Livre Iniciativa’. É preciso que haja a livre iniciativa para que surja no aluno ou aluna a ‘Inteligência Criadora’. A Consciência Criativa só pode manifestar-se e desenvolver-se quando não temos medo da crítica, dos protocolos, do que vão dizer, da repreensão do professor, das regras, etc.

“A Mente humana está degenerada pelo Medo e o Dogmatismo e é preciso regenerá-la mediante a Livre Iniciativa espontânea, livre do Medo. (...) Só assim, mediante a liberação do temor e a liberdade de discutir, analisar, meditar e criticar sadamente o que estamos estudando, podemos fazer-nos conscientes dessas matérias e não meramente louros ou papagaios que repetem o que acumulam na memória” (WEOR, 2008, págs. 16 e 17).

Mas qual a relação da Consciência com os Jogos Teatrais? O que tem a ver o estado meditativo com oficinas livres de teatro? A relação está na mudança de Percepção.

A hipótese é de que com jogos teatrais e exercícios de consciência corporal podemos ajudar as crianças a desenvolver a Consciência Criativa. E com a capacidade de criar mais a florada, a criança poderia estar menos sujeita à imitação e a influência da violência. O ser humano que compreende e exercita sua própria capacidade de criar, teoricamente teria menos necessidade de copiar quem quer que seja.

Esta pesquisa será aplicada em crianças e jovens entre 06 e 13 anos. As turmas são divididas por faixa etária aproximada, da seguinte forma: o grupo ‘Artes I’ são crianças entre seis e oito anos; o grupo ‘Dança’ são crianças entre oito e dez anos; o grupo ‘Circo’ entre dez e onze anos; o grupo ‘Teatro’ entre dez e doze anos e o grupo ‘Artes II’ entre doze e treze anos. Esses grupos participam de oficinas nas seguintes linguagens: teatro, dança, artes circenses, meio ambiente, educomunicação, artes plásticas e jogos cooperativos. O nome de cada grupo indica qual a sua ‘regência’, ou seja, qual linguagem esse grupo terá mais contato e terá mais aulas por semana. O grupo ‘Teatro’, portanto, é o grupo do qual sou o regente, ficando responsável por um maior número de aulas (três aulas semanais de uma hora e quarenta cada) e pelas decisões e encaminhamentos pedagógicos das crianças do grupo.

Pretendo aqui abordar as teorias pedagógicas defendidas por Weor (2008) na obra “Educação Fundamental” fazendo um paralelo com essas mesmas teorias sendo utilizadas na prática e quais os resultados observados.

O foco desta pesquisa resume-se em três pontos chave: I) apresentar o horizonte pedagógico que serve de base para a elaboração das aulas, baseado no autor Samael Aun Weor, enraizado em princípios gnósticos; II) a aplicação dos jogos; III) a observação dos resultados e as reflexões geradas.

Neste sentido, o trabalho estará dividido no seguintes capítulos:

No Capítulo 1, tratarei do tema Gnose, base dos princípios pedagógicos levantados, onde trarei um pouco do conceito, da etimologia e da visão histórica.

No Capítulo 2, trarei um pouco sobre o local em que a pesquisa será desenvolvida. Abordarei de forma sucinta quem são os maristas e a comunidade em que estão inseridos enquanto centro educacional.

No Capítulo 3, referente à Consciência Criativa, o objetivo é discorrer sobre a definição e sobre princípios pedagógicos dos jogos teatrais e sobre princípios pedagógicos gnósticos, ambos colocados à prática na tentativa de levar ao desenvolvimento dessa mesma consciência criativa. A relação teoria e prática desses princípios não serão trazidas a partir de jogos aplicados, mas sim através da relação professor/aluno observada como um todo. Entre os princípios gnósticos, escolho desenvolver sobre os citados no livro Educação Fundamental de Samael Aun Weor, a saber: imitação, os 3 cérebros, autoridade, simplicidade, vocação, o bem e o mal.

No Capítulo 4, tratarei dos jogos teatrais aplicados no *centro educacional*, cujos exercícios servem de exemplo para colocar em prática os princípios pedagógicos levantados no capítulo anterior. Entre os focos dos jogos abordarei os temas sobre a livre iniciativa, coragem, memória, disciplina, escuta e simplicidade – temas escolhidos a partir do horizonte teórico estudados em Samael Aun Weor sobre a educação. Os princípios sobre os temas referentes a imitação; 3 cérebros; autoridade; simplicidade, vocação; bem e o mal estão relacionados e fundamentam os focos dos jogos teatrais sobre a livre iniciativa, a coragem, a memória, a escuta e a disciplina.

1. GNOSE

Como o título já anuncia o objeto da presente pesquisa são princípios gnósticos levados à prática e as reflexões geradas a partir disso. Faz-se necessário, então, uma breve explicação do que significa o termo Gnose ou Gnosis, base desses princípios, e o conhecimento que está por trás deste mesmo termo para explicar e nortear o leitor sobre os objetivos dessa pesquisa que tem como foco utilizar a linguagem teatral como facilitadora, como veículo, para apreensão de princípios pedagógicos.

Gnose ou Gnosis é um vocábulo grego que significa ‘*conhecimento*’. Mas o que define o que é conhecimento? Podemos dizer que o conhecimento humano pode ser dividido em três tipos principais:

Conhecimento Vulgar – uma derivação da palavra *vulgus* em latim, que significa *multidão*, o conhecimento vulgar pode ser definido como o conhecimento popular e que é transmitido informalmente de ‘lábios a ouvidos’ através das gerações. São atividades relativamente simples como pescar, cozinhar, higienizar-se, vestir-se, manuseio de utensílios, etc. Para adquirir esse tipo de conhecimento não é preciso erudição intelectual ou fazer uma universidade, por exemplo. São atividades transmitidas de pais para filhos e normalmente estão ligadas à sobrevivência;

Conhecimento intelectual – o segundo tipo de conhecimento exige um maior preparo intelectual. O conhecimento intelectual é o que permite ao ser humano abrir uma torneira em casa e dali correr água que antes se conseguia a quilômetros de distância num poço. Permite-nos percorrer grandes distâncias em curto espaço de tempo por meio do avião. Graças ao conhecimento intelectual podemos construir estradas, cidades, tecnologias e sistemas de educação. Para adquirir este tipo de conhecimento é preciso uma erudição e uma grande atividade intelectual. É preciso estudo, uma formação acadêmica e um embasamento científico para produzi-lo. O conhecimento intelectual normalmente está ligado ao conforto;

Tanto o vulgar, como o intelectual, são conhecimentos de fundamental importância na formação do ser humano. No entanto, nem o primeiro, nem o segundo, são capazes de responder as grandes questões de todas as Idades da humanidade: quem somos? De onde viemos? Qual o significado da existência? O que acontece quando morremos? Qual a causa de nossas vontades e quais as consequências reais de cada uma?

Conhecimento gnóstico ou cognoscitivo – saber quem é, de onde vem e para onde vai tem sido desde a antiguidade uma aspiração fundamental do homem. A Gnosis responde a essa necessidade primordial. Trata-se de um conhecimento presente em todas as religiões milenares, apresentado sob a vestimenta de uma linguagem arquetípica que expressa a mesma verdade impessoal, perene e universal. Um conhecimento que aponta o grande mau da humanidade para a crença, fonte da ignorância. Como resume bem o humanista Victor Hugo em sua célebre frase: “Crer ou não crer são duas faces da mesma moeda: a ignorância”.

Por oposição, o único conhecimento autêntico viria da experiência direta, daquilo que de fato saboreamos e compreendemos a fundo, vem a se converter em nossa real sabedoria pessoal. A experimentação direta da Realidade é o meio através do qual adquirimos sabedoria tanto sobre as coisas ordinárias da vida como interagir com a gravidade sob nossos pés, andar de bicicleta, ou exercer uma profissão, quanto para transcender a vida numa significação mais profunda.

Segundo a Gnose, os princípios básicos da Grande Sabedoria Universal são sempre idênticos. Tanto Buda como Hermes Trimegisto, Quetzalcoatl ou Jesus de Nazaré, etc., entregam uma mensagem; cada uma dessas mensagens do Alto, em si mesma, contém os mesmos princípios cósmicos de tipo completamente impessoal e universal. Esse saber universal e atemporal do qual emana a enorme similitude teológica, filosófica, artística e simbólica das grandes civilizações do passado, é testemunho de haverem bebido todas na mesma fonte original.

Ainda sobre a questão etimológica, a “Jana”, “Yana”, “Gnana” ou “Gnosis” é a ciência de Jano, ou seja, a ciência do Conhecimento Iniciático, a ciência de Enoichion. A palavra “jina”, da qual vem o termo “Gnosis”, não é senão a castelhanização de tal palavra; sua verdadeira escrita deriva do Parsi e do Árabe, e não é “jina”, mas “djinn” ou “djinn”, e assim a vemos empregada por muitos autores. Assim, é importante não cairmos no erro simplista de entender a Gnose como uma corrente espiritual exclusiva.

Qualquer sistema gnóstico possui seus elementos helenísticos e orientais, incluindo Pérsia, Mesopotâmia, Síria, Índia, Tibete, Palestina, Egito, etc. Assim como os princípios gnósticos são perceptíveis nos cultos dos Nahuas, Toltecas, Astecas, Zapotecas, Maias, Incas, Chibchas, Quíchuas, etc., da América índia.

Portanto, a Gnose não pode ser percebida como uma corrente metafísica introduzida no seio do Cristianismo. Não se trata de mais uma religião. A Gnose constitui uma atitude existencial com características próprias, enraizada na mais antiga aspiração esotérica de todos os povos, cuja história não é bem conhecida pelos antropólogos modernos. A Gnose é o veículo por meio do qual a ‘Sabedoria de Todas as Idades’ manifestou-se, manifesta-se e se manifestará no amanhecer de cada religião. Aspiração ‘esotérica’? Mas o que é, afinal, esotérico ou esoterismo?

Ainda que hoje em dia esse termo tenha caído numa banalização devido a multiplicação de correntes *pseudo esotéricas*, levando ao descrédito do esoterismo puro, é importante trazer a definição desse termo. Esotérico é um termo ligado ao que é interno, fechado, secreto, ‘hermético’. Do islamismo ao budismo, de hebreus a cristãos, as religiões possuem uma esfera *exotérica*, ou seja, a parte mais externa, onde a doutrina religiosa é transmitida para as grandes massas. Essa mensagem exterior emitida por padres, rabinos, brâmanes, etc., tende a trazer os textos sagrados como algo literal e sob a forma de uma crença cega a ser aceita como a verdade, sem questionamentos, como é o caso dos mandamentos bíblicos, por exemplo.

Da mesma forma, as religiões milenares cultivam uma esfera *esotérica*, interna, secreta, em que seus membros têm acesso e compreendem o conhecimento teológico como um conhecimento científico, ou seja, experimentável e comprovável em si mesmo, aqui e agora. Através da experimentação direta e da interpretação arquetípica, o esotérico de qualquer religião compreende que a linguagem e os arquétipos do Alcorão islâmico, da Bíblia cristã, do Baghavad Gita hindu, do Edda nórdico ou da mitologia grega, para citar alguns exemplos, são estruturas simbólicas que expressam precisamente os mesmos ensinamentos. Os símbolos e mitologias sagradas traduzem com seus arquétipos aspectos da psicologia humana em toda sua profundidade. Diversos estudiosos, como por exemplo, o médico e psicanalista Carl Jung, se dedicaram a desvelar o profundo conhecimento contido nos arquétipos e sua profunda significação.

Secretas, as escolas esotéricas de todas as Idades foram conhecidas na história como ‘Escolas de Mistérios’ e seus vestígios são encontrados por todas as latitudes, do Egito Antigo aos Mistérios de Elêusis, da origem das dionisíacas às cidades secretas da Antiga China. Da mesma forma, a Gnose trata-se da *Esfera Esotérica do Cristianismo* e fez-se

pública na década de 50, do século XX, através do filósofo, antropólogo e esoterista Samael Aun Weor, fundador da Gnose contemporânea.

A Ciência Secreta dos Sufis e Dervixes Dançantes estão na Gnose; a Doutrina Secreta do Budismo e do Taoísmo está na Gnose; a Magia Sagrada dos Nórdicos está na Gnose; a Sabedoria de Hermes, Buda, Confúcio, Maomé, Quetzalcoatl, etc., estão na Gnose; a Doutrina do Cristo é a mesma Gnose. (Grande Manifesto Gnóstico de 1964 – Capítulo III).

Compreendido que a Gnose é um conhecimento essencialmente prático, assim deve ser sua difusão e sua aplicação de princípios. Memorizar os princípios ligados à profundidade desse conhecimento sem colocá-los à prática, deixaria de ser um conhecimento gnóstico. O cenário que pretendo desenvolver esse conhecimento, aprendendo sobre ele enquanto tento transmiti-lo, será um centro educacional marista, numa comunidade carente do município de Florianópolis - SC...

2. MARISTAS

O citado centro educacional onde a pesquisa será realizada faz parte do Grupo Marista, uma instituição ligada à Igreja Católica que atua com educação. O Grupo Marista possui uma rede de universidades, colégios, hospitais e editoras espalhadas por todo mundo, composto por uma rede particular e uma rede de solidariedade, gratuita.

A verba gerada por essas instituições particulares são revertidas em centros sociais e centros educacionais em comunidades carentes em todo o mundo. No Brasil, faz parte da rede particular marista as PUC's de Curitiba, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre e Fortaleza; a editora FTD; algumas rádios e canais de TV, além de uma rede de colégios particulares e hospitais, para citar alguns exemplos.

A instituição marista tem duzentos anos de existência, está presente hoje em 79 países e atende gratuitamente mais de 500 mil crianças e jovens ao redor do mundo. O Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne, unidade que atuo, é composto por dois prédios. No prédio I são trabalhadas as disciplinas ligadas às humanas, exatas e biológicas, além de aulas de música, tecnologia e robótica. No prédio II, compondo um sistema de educação integral, são ministradas oficinas de dança, meio ambiente, artes circenses, artes plásticas, educomunicação, além da já mencionada oficina de teatro na qual sou o responsável e atuo com uma carga horária de trinta horas semanais.

A escola é considerada escola-modelo e serve de referência no estado de Santa Catarina, em parceria realizada com o governo do estado recentemente (Novembro de 2013) em visita do governador, secretários da educação, planejamento e de segurança pública. A citada comunidade fica no chamado 'Maciço do Morro da Cruz', no centro de Florianópolis. Trata-se de uma intersecção de diversas comunidades que se mesclam no topo do morro. O prédio II fica localizado no 'Alto da Caieira', o cume e intersecção entre morros. Já o colégio, ou prédio I, na comunidade Monte Serrat, conhecido como 'Morro da Caixa', cerca de quinhentos metros abaixo do prédio II.

Grande parte das crianças atendidas pelo *centro educacional* vem de situações de vida delicadas que envolvem problemas como: famílias desestruturadas, pais usuários de drogas ou envolvidos com o tráfico, violência física ou abuso sexual por parte de familiares, grau de pobreza grave ou, como em alguns casos, crianças sem família e moradoras de um abrigo instalado no morro e mantido pela prefeitura. Essa realidade traz como consequência um comportamento bastante peculiar nas crianças que pode ser observado por aqueles que

convivem diariamente com elas: são crianças extremamente intensas e verdadeiras em suas relações, dotadas de uma enorme capacidade de afeto. Mas ao mesmo tempo possuem uma marcada tendência a se expressar sempre por meio da violência, como se não conhecessem outro meio para tal.

Observando o comportamento de nossas crianças no *centro educacional* percebo algumas coisas. As informações que recebem em suas vidas pessoais sobre ‘o que pensar’ são muitas vezes destrutivas e tendenciosas. Não é raro sabermos, enquanto professores, de violência por parte dos pais com os filhos. Existe também a influência dos mais velhos na rua e a influência das músicas que ouvem. O estilo de música mais ouvido por eles é o funk. Muitas vezes são músicas com letras carregadas de discurso violento, intolerante e também sexual. Muitas letras falam de como reagir por meio da força e violência em situações de conflito, de como ganhar respeito através da imposição do medo, de uma banalidade e de uma depreciação da questão sexual. Algumas vezes vemos alunos proferir discursos e frases muito similares àquilo que ouvem e que acabam repetindo num momento de explosão emocional, provavelmente sem sequer ter consciência disso.

Entendo que suas vidas são bastante marcadas pelas influências que recebem na rua e as influências que recebem no *centro educacional* (tomando o cuidado de salientar que as influências que recebem na rua não sejam apenas influências destrutivas, evidentemente. Apenas enfatizo o fato de que a violência é um elemento presente e bastante influente). E pra que essas crianças sejam mais donas de si, mais responsáveis pelo próprio destino, acredito que não podem ser apenas o resultado dessas influências, mas o resultado do discernimento das mesmas.

Para ajudar essas crianças acredito que é preciso que o esforço seja em mostrar a elas ‘como pensar’, para que possam compreender essas duas forças, essas influências diretas que as cercam. Para que compreendam sobre ações e consequências, não como certo ou errado, mas a vida como consequência natural de nossa conduta. Acredito que o certo e o errado não existam. O que existem são ações e consequências. É necessário que estejamos conscientes de nossas ações, quais são suas causas e quais serão todas as consequências das mesmas. Assim vamos transformando ações mecânicas em ações conscientes, ações cegas em ações criadoras.

Para formar um ser humano mais reflexivo é preciso um conjunto de ações, de falas, métodos, jogos, exercícios, humanidade e amorosidade no lidar, que juntos podem estimular essas crianças e jovens a serem mais reflexivas e criadoras do próprio destino.

Todos os jogos, exercícios e princípios abordados nesse trabalho e que são colocados em prática no *centro educacional*, dentro de minhas limitações, tem por objetivo levar os alunos a um olhar mais reflexivo diante do mundo e delas mesmas. O objetivo é instiga-las a querer se autoconhecer mais, desenvolver a si mesmo a partir da auto exploração e sempre se questionar sobre as influências que a cercam.

3. CONSCIÊNCIA CRIATIVA

3.1. Princípios pedagógicos dos Jogos Teatrais

Basta ligar a televisão ou acessar a internet e uma notícia será facilmente encontrada: o resultado do jogo. Futebol, voleibol, golfe, não importa. Os jogos esportivos costumam ter uma posição de destaque nos meios de comunicação.

Dado que todo esporte, sempre se traduz na forma de um jogo, quase como uma bandeira, cada país possui seu jogo preferido, seu jogo mais popular, e que de certa forma, o jogo que melhor representa aquele povo e país. Brasileiros com sua gíngua e malandragem idolatram o futebol. Japoneses e sua personalidade marcada pela frieza e precisão, reverenciam o beisebol, e assim, o jogo permanece presente na civilização desde tempos arcaicos, segundo alguns historiadores, como Johan Huizinga, por exemplo.

O próprio Huizinga (1999) criou uma expressão chamada *Homo Ludens*, por considerar o ser humano um ser que joga, dada a presença constante do ato de jogar como elemento importante na formação cultural e social de diversas civilizações históricas, incluindo a nossa.

No entanto, do que se trata, afinal, esse jogar? O que existe de tão extraordinário nesse ato capaz de prender a atenção de toda uma população hipnotizada diante de uma tela? O que essa performance imprevista, o que essa ação baseada em movimento, raciocínio e intuição tem de tão especial para mobilizar multidões e permanecer presente nas civilizações em todos os momentos históricos?

Para a articuladora e criadora de jogos teatrais Viola Spolin, o jogo se define da seguinte maneira:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar (...). A ingenuidade e a inventividade aparecem para solucionar quaisquer crises que o jogo apresente (...) Desde que obedeça às regras do jogo, ele pode balançar, ficar de ponta-cabeça ou até voar. De fato, toda maneira nova ou extraordinária de jogar é aceita e aplaudida por seus companheiros de jogo. (SPOLIN, 2010, p. 04 e 05).

De alguma forma, acredito que o jogo é intrínseco ao ser humano, pois o próprio fato de estar vivo nos leva a jogar constantemente. Estamos em um ambiente em que regras claras, como gravidade ou não estar em dois lugares ao mesmo tempo, por exemplo, devem ser obedecidas. Diante dessa convenção estabelecida para todos, temos de fazer nosso melhor.

Lidar com limitações e obstáculos, e aprender a driblá-los, é algo inerente ao ser humano e quando superamos esses obstáculos, desenvolvemos nossas habilidades e potencializamos nossa capacidade de lidar de forma construtiva com a realidade.

O jogo é uma forma concreta de interagir com a realidade e aprender com a mesma. É preciso intensidade na presença, pois cada situação, cada movimento é novidade. Um jogo nunca será exatamente igual ao outro. Esse fato indispensavelmente exige do jogador um estado de ‘alerta novidade’, de atenção e escuta ao ambiente, de ativação dos sentidos de percepção. Não importa quão bem nos comportamos e nos superamos no jogo passado, a ação anterior é inútil na solução da problemática do jogo que deve ser resolvida exclusivamente no aqui e agora. Assim, alertas, receptivos às impressões que nos chegam, receptivos à interação com o jogo e a realidade, nos colocamos numa condição de aprendizagem.

E os jogos teatrais? Sua natureza seria de representação? Imitação? Entendo jogo teatral como um jogo de percepção e comunicação, um jogo de inter-relação com o outro e com a realidade, onde a ‘bola’, são nossas próprias emoções e percepções e o ‘drible’ a capacidade de colocar nosso raciocínio e percepção de forma a se adaptar ao ambiente, mesclando-se a ele e resolvendo os desafios que este apresenta.

Quanto mais estivermos abertos ao ambiente, maior nossa capacidade de aprender com ele. Através das janelas dos sentidos o jogador troca com o ambiente por meio de sua comunicação, e assim, reafirma, renova, cria seu olhar para o mundo. Acredito que aumentamos nossa compreensão apenas sobre aquilo que de fato exploramos.

Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar. ‘Talento’ ou ‘falta de talento’ tem muito pouco a ver com isso. Devemos reconsiderar o que significa a palavra ‘talento’. É muito possível que o que é chamado comportamento talentoso seja simplesmente uma maior capacidade individual para experienciar. Deste ponto de vista, é no aumento da capacidade individual para experienciar que a infinita potencialidade de uma personalidade pode ser evocada. (SPOLIN, 2010, p. 03).

A pesquisadora norte-americana Viola Spolin, minha principal referência acerca de jogos teatrais, desenvolveu sua metodologia a partir de grupos de teatro de improvisação. Para Spolin, a capacidade da pessoa de experienciar e sua criatividade estão diretamente associadas. Seu método consiste numa busca constante pelo desenvolvimento da criação a partir da disponibilidade em se integrar com o meio e suas possibilidades. O processo de descoberta estaria sobreposto, em maior importância, que a busca por um resultado,

valorizando a construção coletiva através dos jogos e enxergando no erro, apenas uma forma de experimentação e onde o foco é a descoberta.

A metodologia de Spolin consiste basicamente em: propor (regras do jogo, divisão das equipes, preparação de espaço e equipamentos), prática (os problemas do jogo são solucionados pelos participantes ao seu modo) e a avaliação (debater resultados, compartilhar experiências pessoais e refletir sobre conhecimentos adquiridos). Os jogos propostos por Spolin não são fechados e exigem a participação por parte do aluno na construção do exercício.

Segundo Spolin, quanto mais a pessoa se abrir ao ambiente e permitir explorar a si mesma, maior será seu desenvolvimento, seu aprendizado e compreensão sobre a realidade que a cerca. O meio nos ensina na mesma medida em que estamos abertos a ele. Mas como é possível fazermos isso? Como sair da defensiva e aumentar nossa capacidade de experimentação? “Experenciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo. Dos três, o intuitivo, que é o mais vital para a situação de aprendizagem, é negligenciado” (SPOLIN, 2010, p. 03).

É importante aqui sublinhar a afirmação de Spolin para compreender melhor em que consiste seu método de trabalho. Para a educadora, a intuição é o elemento mais importante no processo de aprendizagem, classificando o nível intuitivo como o nível vital. Aponta ainda:

A intuição é sempre tida como sendo uma dotação ou uma forma mística possuída pelos privilegiados somente. No entanto, todos nós tivemos momentos em que a resposta certa “simplesmente surgiu do nada” ou “fizemos a coisa certa sem pensar”. Às vezes, em momentos como este, precipitados por uma crise, perigo ou choque, a pessoa “normal” transcende os limites daquilo que é familiar, corajosamente entra na área do desconhecido e libera por alguns minutos o gênio que tem dentro de si. Quando a resposta a uma experiência se realiza no nível do intuitivo, quando a pessoa trabalha além de um plano intelectual constrito, ela está realmente aberta para aprender. O intuitivo só pode responder no imediato – no aqui e agora. Ele gera suas dádivas no momento de espontaneidade, no momento em que somos livres para atuar, para inter-relacionar, envolvendo-nos com o mundo à nossa volta que está em constante transformação. (SPOLIN, 2010, p. 03 e 04).

Ao fazer um paralelo entre a visão de Spolin com a do professor e historiador neerlandês (originário dos países baixos) Johan Huizinga, encontramos uma proximidade na ideia de que o jogo é algo que transcende o racional:

A intensidade e o poder de fascinação inerentes ao jogo constituem sua própria essência e característica principal, e confirmam a natureza supralógica da natureza

humana (...) É uma função significativa, encerra determinado sentido (...) A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supralógica da situação humana (...) se brincamos e jogamos e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional. (HUIZINGA, 1999, págs. 03 e 05).

Os jogos teatrais, portanto, compreendido que exige uma intensidade na presença, o foco de atenção no aqui e agora, alerta e aberto à experiência, entendo que este é liderado, norteado, pela intuição. Essa por sua vez, coloca intelecto e físico à sua disposição, ilustrando, demonstrando como se dá o processo de aprendizagem.

Acredito que o jogo teatral é uma cristalização, um tornar físico, uma amostra, de como se dá a aprendizagem humana em qualquer âmbito. A partir desse raciocínio, entendo como premissa de aprendizagem o seguinte: aprender é estar receptivo ao ambiente, na totalidade dos sentidos sensoriais, respondendo e interagindo com a experiência por meio da intuição. A ponte entre aprendiz e conhecimento tem suas bases na intuição, auxiliada e direcionada por intelecto e físico.

3.2. Princípios pedagógicos Gnósticos

Os princípios abaixo descritos sobre imitação, os 3 cérebros, a autoridade, a disciplina, a simplicidade, a vocação, o bem e o mal são fundamentos desenvolvidos no livro Educação Fundamental, de Samael Aun Weor. O autor aponta em sua obra diversos aspectos centrais para debater a problemática do tema educação. Os temas acima citados foram escolhidos na tentativa de trazer os aspectos mais importantes, segundo minha pesquisa.

3.2.1. Princípio 1 – Imitação

Quantos de nós podemos dizer, com absoluta sinceridade, que é uma pessoa verdadeiramente autêntica? Quanto daquilo que nos define (sobre nossa forma de pensar e de olhar o mundo), é resultado de uma reflexão livre e quanto do que nos define é uma mera reprodução mecânica de uma soma de exemplos que nos deparamos ao longo da vida? Se fizéssemos um inventário sobre nós mesmos, quanto seria original e quanto seria cópia? Estaríamos satisfeitos ao nos deparar com um quebra-cabeça irregular, contraditório,

composto de diversas peças copiadas? E se aquilo que copiamos, que temos como referência, que nos apoiamos enquanto nossas ‘verdades’ sobre o mundo for apenas uma possibilidade absurda?

A má situação econômica de milhões de pessoas deve-se, fora de toda dúvida, a isso que se chama Medo. A criança atemorizada busca sua querida mãezinha e apegase a ela em busca de segurança. O esposo atemorizado apegase a sua esposa e sente que a ama muito mais. A esposa atemorizada busca seu marido e seus filhos e sente amá-los muito mais. Do ponto de vista psicológico, resulta muito curioso e interessante saber que o Temor costuma, às vezes, disfarçar-se com a roupa do Amor (WEOR, 2008, p. 17).

Por medo, imitamos e não somos livres.

Podemos observar na vida prática, em nós mesmos ou em pessoas próximas, que pessoas internamente frágeis, que se sentem de alguma forma incompletas, em busca de preenchimento interno, acabam buscando sempre fora algo para se completarem. Buscam na carreira, na família, no dinheiro, meios para se sentirem realizados, para preencherem de significação o fato de estar vivo. E assim, por medo da sensação interior de vazio, muitas vezes nos apegamos ao trabalho, à família, a uma causa humanitária, etc., como que buscando um sentido. Todo velho enfermo e pobre psicologicamente está, em geral, cheio de medo e se agarra com ânsia infinita ao dinheiro, às tradições da família, aos netos, às suas recordações, ao seu prestígio, etc., como que buscando segurança. Isto é algo que podemos evidenciar observando cuidadosamente os anciãos.

Cada vez que as pessoas tem Medo, escondem-se atrás do escudo protetor da respeitabilidade, seguindo uma tradição, seja de raça, de família, de nação, etc. Realmente, toda tradição é uma mera repetição sem sentido algum, oca, sem valor verdadeiro. Todas as pessoas tem a marcada tendência a Imitar o alheio. Isso de imitar é produto do Medo (WEOR, 2008, p. 19).

Diante da perplexidade da vida, diante do tamanho do mundo, grande e ameaçador, sentimos medo. Queremos nos sentir seguros da ameaça, seguros do mergulho no escuro, do mergulho no desconhecido que implica o estar vivo, então imitamos aqueles que nos protegem, aqueles que nos fazem sentir pertencentes a um grupo, a um local ou a atitudes que nos aproximam de uma identidade. Buscando segurança, buscando permanecer, dada a incerteza e a impermanência como realidade soberana, imitamos a referência à nossa volta, imitamos o que é aceito pelo mundo para sermos aceitos também. E assim, a Imitação destrói a livre iniciativa. Destrói a possibilidade da exploração, de investigar o mistério, para se agarrar no ‘seguro’, no ‘certo’.

Assim, quase que como uma consequência ‘natural’, aprendemos a partir da imitação. Mas e se as referências, os exemplos que imitamos, estiverem completamente equivocados?

Quando crianças, nossos pais ou nossos professores nos pedem que façamos um desenho da árvore, pra que pintemos montanhas, animais, o papai e a mamãe, etc. Este reproduzir a árvore no papel não é criar, é imitar. Criar não é imitar. Criar não é fotografar. Criar é traduzir o que sentimos por meio da comunicação, artística ou não. O autor cita um ótimo exemplo de criação na arte chinesa e japonesa do Zen, na arte abstrata e semiabstrata. Aos pintores dessa linha artística não lhes interessa ‘fotografar’ uma paisagem, um pôr do sol, etc. Interessa-lhe transmitir em cores a sensação que as impressões do mundo lhe traz. A tentativa dos artistas do Zen é de transmitir a beleza abstrata daquilo que os inspira. Não lhes interessa pintar ou fotografar uma bela paisagem ou o voo preciso da gaivota, mas lhes interessa transmitir sua beleza abstrata. Sentir a profunda significação da beleza e sabê-la transmitir, mas para isso, necessita-se que não haja medo, apego às regras, à tradição, o temor ao que dirão ou a correção do professor.

Samael Aun Weor (2008) afirma que é urgente que os professores desenvolvam nos alunos o poder criador. Resulta absurdo ensinar os estudantes a imitar. É melhor ensiná-los a criar.

O ser humano hoje tem a tendência a reagir mecanicamente de acordo com os estímulos que nos rodeia. Se alguém nos insulta, insultamos de volta. Se nos criticam, ficamos tristes. Se alguém nos elogia, ficamos contentes e se as propagandas nos dizem o que comprar, assim o fazemos.

Por qué reaccionamos ante la palabra de un semejante? Em estas condiciones nosotros siempre somos víctimas... Sí alguien quiere que estemos contentos basta que nos dé unas palmaditas em el hombro y nos diga algunas palabras amables. Si alguien quiere vernos disgustados bastaría que nos dijera algunas palabras desagradables (...) La esclavitud psicológica destruye la convivencia. Dependier psicológicamente de alguien es esclavitud. Si nuestra manera de pensar, sentir y obrar depende de la manera de pensar, sentir y obrar de aquellas personas que conviven con nosotros, entonces estamos esclavizados (WEOR, 2010, págs. 94, 95 e 116).

O que percebo é que o ser humano de hoje, em sua imensa maioria, é um autômato adormecido, inconsciente, que só sabe reagir de forma mecânica de acordo com o evento exterior a nós mesmos que se processa, além de uma marcada tendência a sempre imitar: imitamos a roupa alheia e dessa imitação saem as diferentes correntes da moda.

Imitamos os costumes alheios, mesmo que esses estejam muito equivocados. Imitamos vícios. Imitamos as referências. Imitamos tudo que é absurdo, o que sempre vive se repetindo no tempo, imitamos as maneiras de reagir diante das situações, etc.

Os professores de escola devem ensinar aos estudantes a PENSAREM POR SI MESMOS DE FORMA INDEPENDENTE. Devem oferecer aos estudantes todas as possibilidades para que deixem de ser Autômatos Imitadores. Os professores devem oferecer aos estudantes as melhores oportunidades para que estes desenvolvam seu Poder Criador. É urgente que os estudantes conheçam a Verdadeira Liberdade para que, sem temor algum, possam aprender a pensar por si mesmos, livremente. A Mente que vive escrava do que dirão, a mente que Imita, por temor de violar as tradições, as regras, os costumes, etc., não é Mente Criadora, não é Mente Livre (WEOR, 2008, p. 20).

Para Weor (2008), é urgente que os alunos aprendam a criar livremente, pensar livremente, sentir livremente. Equivocam-se os professores que supõem que os alunos devem imitar para aprender. O que imita não aprende, o que imita converte-se em um autômato. A mente que só sabe imitar é mecânica, é uma máquina que funciona, não é criadora, não é capaz de criar, não pensa realmente, apenas repete conceitos elaborados por outros. O novo só pode ocorrer onde não há medo.

Reflexão sobre a prática no Centro Educacional

Articulando os princípios acima descritos com a realidade do *centro educacional*, nas oficinas busco trabalhar com a arte de forma ampla, ou seja, busco me utilizar de recursos variados de forma a complementar os jogos teatrais e o trabalho de corpo, aumentando o leque de possibilidades ligadas à expressão. Um dos exercícios que fiz, que se relacionam com a questão da imitação levantada por Weor e pode servir de exemplo foi o seguinte: projetei a eles o filme “A Flauta Mágica”, de Mozart. Trata-se de uma superprodução musical hollywoodiano reproduzindo a famosa ópera do compositor austríaco. O exercício proposto era assistir e ao mesmo tempo fazer um desenho sobre o filme usando cores diversas. Porém, eles não poderiam copiar nada. Não poderiam simplesmente captar uma imagem e ‘fotografá-la’ na mente e tentar reproduzi-la. Levando em conta o fato de que quase cem por cento do tempo em que têm contato com música o estilo ouvido é funk e suas letras repletas de violência e palavras de baixo calão, o exercício era sentir a música e as imagens do filme e pintar algo a partir disso, a partir do sentimento causado. Foi enfatizado que não haveria certo ou errado, não haveria uma necessidade de forma ou beleza. Ainda que a maioria dos alunos tenha tendenciado a copiar imagens captadas durante o filme, algumas coisas interessantes

surgiram. Alguns pintaram a família em momentos felizes. Um dos alunos pintou uma guerra misturada em meio a flores. Um outro pintou anjos e um outro pintou aviões azuis que lançavam flores. Alguns não prestaram atenção e simplesmente corriam pela sala como é comum em muitas aulas, com parte dos alunos. E o fato que considero o mais interessante: em todas as turmas que a proposta foi apresentada, houve pelo menos um aluno, que não desenhou e nem correu. Pelo menos um aluno por turma ficou absolutamente hipnotizado pelo filme diante da projeção. Com os olhos compenetrados, brilhando, permaneceram atentos diante da obra de Mozart como quem descobre algo. Não posso afirmar se foi devido a música, as imagens ou ambos. Mas o contato com uma arte tão diferente da realidade do dia-a-dia deles, de alguma forma, tocou esses alunos. Considero esse episódio algo extremamente motivador, tanto como um exemplo de exercício disparador da Consciência Criativa, como para fazer acreditar nessa profissão como algo realmente gratificante.

3.2.2. Princípio 2 – Os Três Cérebros

Existem diversas teorias sobre o cérebro humano e seu funcionamento. Quanto de fato sabemos sobre nosso corpo humano? Quanto acreditamos saber e quanto há de certezas?

Do ponto de vista fisiológico, Samael defende um princípio que diverge do que aprendemos no colégio nas aulas sobre o corpo humano. Segundo o autor, a corpo orgânico do ser humano existe de forma ‘tricerebrada’, ou seja, possui três cérebros. O primeiro cérebro está encerrado na caixa craniana. O segundo cérebro corresponderia concretamente à espinha dorsal com sua medula central e todos os seus ramos nervosos. E o terceiro cérebro não reside em um local definido. Este é constituído pelos plexos nervosos e simpáticos e por todos os centros nervosos específicos do organismo humano. O corpo humano possuiria, portanto, três centros fundamentais ou três cérebros. O primeiro cérebro é o centro pensante. O segundo o centro motor. E o terceiro o centro emocional.

Defende ainda que o corpo humano possui um determinado capital de Valores Vitais, ou seja, uma energia vital que mantém nossa biologia em funcionamento, que a vida se encarrega de depositar de forma harmoniosa entre os três cérebros. Economizar tal capital significa alargar a vida; mal gastar tal capital, produz morte.

Apesar de não se tratar de uma unanimidade, é bastante comum observar que a pedagogia atual conduz os alunos a uma predominância do cérebro pensante, como se o

intelecto fosse a única matriz do aprendizado. Vivemos uma pedagogia em que aprender quase sempre é visto como uma atividade do intelecto. Leituras, escritas, equações, etc. Nos momentos de lazer é no mínimo comum para as pessoas em geral que as atividades também sejam intelectuais: internet, vídeos, jogos virtuais, televisão, etc. E assim, vamos concentrando cada vez nossas energias no centro intelectual.

O cultivo inteligente dos três cérebros é parte da Educação Fundamental proposta por Samael. Do ponto de vista antropológico, comenta o autor que em antigas Escolas de Mistérios da Babilônia, Grécia, Índia, Pérsia, China, Egito, etc., os alunos recebiam informação íntegra direta para os três cérebros, inteligentemente harmonizada. Hoje os sistemas atuais de ensino supervalorizam o centro intelectual, desequilibrando as energias vitais e psíquicas presentes no corpo humano. Se a informação fosse transmitida melhor equilibrada entre os centros possibilitaria uma formação mais eficiente.

Reflexão sobre a prática no Centro Educacional

Articulando este princípio com a prática no *centro educacional*, busco trazer para as aulas atividades que respeitem uma harmonia na transmissão de informações. Tendo em vista que intelecto, emocional e sensibilidade motora não podem ser separados, agem em conjunto, é certo que algumas atividades concentram o foco mais em um centro que em outro. Uma atividade física repetitiva, por exemplo, ainda que haja a participação do intelecto e da emoção, pois é impossível separá-los, o centro motor nesse caso é mais utilizado.

Algumas aulas são bastante focadas no corpo, então tento compensar trazendo, por exemplo, uma atividade a partir de um filme, promovendo esse equilíbrio entre o centro motor e o intelectual. Ou propondo jogos de improvisação, que além de trabalhar o corpo, tem um foco bastante ligado ao intelecto, ao emocional e ao intuitivo. Já ouvi ocasiões em que havia preparado uma aula de jogos teatrais um pouco mais voltada para o centro motor, e sentia no início da aula que os alunos estavam emocionalmente abalados, ou seja, ansiosos ou até agressivos. Ainda que o jogo teatral também seja uma forma de canalizar uma possível agressividade, o cotidiano presente de muitas brigas entre eles, exige que o professor tenha uma enorme sensibilidade sobre o que trabalhar. Às vezes, é preciso acalmar antes de canalizar. Diante disto, diversas vezes mudo a atividade. Quando há a necessidade de acalmá-los, por exemplo, uma das coisas que proponho, dependendo da faixa etária, é que desenhem

usando o maior número de cores possível ao som de música erudita, principalmente Vivaldi. Alimentando, assim, o centro emocional deles. O resultado é visivelmente claro. Aqueles que entravam em sala discutindo, se ofendendo e agredindo, ainda que muitas vezes leve uns bons trinta minutos para conseguir o estado necessário para a atividade proposta, quando alcançado, a diferença é nítida. Os mesmos que até então brigavam e estavam com o centro motor mais agitado e descontrolado, após alguns minutos ouvindo Vivaldi, em meio a cores de giz de cera, seu centro emocional vai se equilibrando e a amizade entre os que brigavam surge novamente.

3.2.3. Princípio 3 – Autoridade

Acredito que o aprendizado realmente aconteça quando quem aprende e quem ensina, aprendem. O aluno aprende aquilo que experencia, conduzido pelo professor, e o professor aprende, revaloriza, reafirma sobre o que apresenta aos alunos e também aprende sobre a relação de aprendizado em si. Acredito, portanto, numa certa relação horizontal no processo de aprendizagem. O professor que busca ensinar e se coloca apenas numa posição vertical, de ‘cima pra baixo’, sem que haja o espírito de aprender a ensinar, não cumpre seu papel, em minha opinião. No entanto, é impossível descartar o fator ‘autoridade’ existente na relação professor-aluno e presente no sistema educacional como um todo. E não há porque descartá-lo, ele é totalmente necessário, em meu entender. Mas que coisa é essa chamada autoridade? Qual sua utilidade?

Sabemos que o governo possui autoridade, que o estado possui autoridade, a polícia, a lei, o juiz, o soldado, os pais de família, os professores, os guias religiosos, etc., possuem autoridade. Porém, o que talvez não saibamos é que existem dois tipos de autoridade. Primeira: Autoridade Subconsciente. Segunda: Autoridade Consciente.

Autoridades Inconscientes costumam trazer más consequências aqueles a quem dirige e a si mesmas. A partir de Weor (2008), entendo inconsciente a pessoa que não está ciente de todos os seus valores internos, positivos e negativos, e não está ciente de todas as consequências de suas ações. Não está ciente da causa de suas ações, do que está por trás delas, quais os impulsos que as geram e quais serão todas as consequências de cada ação. A pessoa inconsciente (hoje em dia praticamente todos nós) age em função de seus próprios desejos, de modo egoísta, sem levar em conta o todo, sem estar consciente de que somos um

único mesmo imenso organismo e que pensar de forma altruísta não se trata de uma virtude ‘bonitinha’, mas da consciência de que prejudicar o outro é literalmente prejudicar a si mesmo. Autoridades inconscientes abusam da autoridade pelo próprio fato de serem inconscientes. Segundo o autor, os pais e professores de escola de um modo geral hoje são ‘cegos guias de cegos’. Muitas vezes nos obrigam a se encaixar em comportamentos e formas de avaliações que limitam, como decorar teorias e fórmulas, por exemplo, mas que são consideradas lógicas.

Baseado em minha experiência escolar, sempre observei professores que acabam odiando determinados alunos e mimando ou preferindo outros. Às vezes, castigam qualquer estudante odiado, mesmo que este não seja perverso, e premiam com boas notas muitos alunos e alunas prediletas que verdadeiramente não as merecem. Ainda que não sejam todos os professores que, evidentemente, tenham esse comportamento, observo que se trata de algo comum. Isso é fruto de inconsciência.

Aprovação/desaprovação cresce do autoritarismo que, com o decorrer dos anos, passou dos pais para o professor e, finalmente, para o de toda a estrutura social (o companheiro, o patrão, a família, os vizinhos, etc.). A linguagem e as atitudes do autoritarismo devem ser constantemente combatidas quando desejamos que a personalidade total emergja como unidade de trabalho. Todas palavras que fecham portas, que tem implicações ou conteúdo emocional, atacam a personalidade do aluno-ator ou mantêm o aluno totalmente dependente do julgamento do professor, devem ser evitadas. Uma vez que muitos de nós fomos educados pelo método da aprovação/desaprovação, é necessário uma constante auto observação por parte do professor-diretor para erradicar de si mesmo qualquer manifestação desse tipo, de maneira que não entre na relação professor-aluno (...) O julgamento por parte do professor-diretor limita tanto a sua própria experiência como a dos alunos, pois ao julgar, ele se mantém distante do momento da experiência e raramente vai além do que já sabe. (SPOLIN, 2010, p. 07).

Relacionando a visão de Spolin a Weor, Weor afirma que necessitamos com urgência de Autoridades Autoconscientes. Entendendo-se por Autoconsciência o conhecimento íntegro de si mesmo, o pleno conhecimento de todos os nossos valores internos. “Só aquele que possua de verdade pleno Conhecimento de Si Mesmo, está desperto de forma íntegra. Isso é ser Autoconsciente” (WEOR, 2008, p. 25), destaca o autor.

Comenta ainda que todo mundo crê que se autoconhece, mas é muito difícil achar na vida alguém que realmente conheça a si mesmo. De um modo geral, as pessoas têm sobre si mesmas conceitos totalmente equivocados, fantasiosos, e isso evidentemente inclui os professores. Declarando ou em segredo, intimamente, todos e cada um de nós sente-se justo, piedoso, sábio, inteligente, altruísta, ‘boa pessoa’ e que o mundo é um lugar injusto por não reconhecer nossa santidade, por não enxergar o quão bom somos e a vida ingrata por não nos

trazer os louros que tanto merecemos. Se isso fosse verdade o mundo seria um paraíso, mas na prática o que observo é que basta meia dúzia de pessoas convivendo para que sejam instaurados conflitos, intolerâncias, etc. Temos uma imagem idealizada e fantasiosa sobre nós mesmos, somos inconscientes sobre nós mesmos, com uma tendência gigantesca a justificar nossos defeitos e considerar a culpa daquilo que nos acontece sempre como algo que vem do outro, algo que vem de fora de nós mesmos. Uma frase do escritor russo Leon Tolstói ilustra bem esse ponto de vista: “Todos pensam em mudar a humanidade, mas ninguém pensa em mudar a si mesmo.” O abuso da autoridade, portanto, deve-se a isso que se chama Inconsciência.

Alguns filósofos, como Mikhail Bakunin, por exemplo, são contra a autoridade. Embasado em Weor, entendo que tal forma de pensar é falsa:

(...) em toda a criação, desde o micróbio até o Sol, existem escalas e escalas, graus e graus, forças superiores que controlam e dirigem e forças inferiores que são controladas e dirigidas. Em uma simples colmeia, há a autoridade da rainha. Em qualquer formigueiro existe Autoridade e Leis. A destruição do princípio de Autoridade conduziria à Anarquia (WEOR, 2008, p. 25).

O problema, portanto, não é o fato de existir uma autoridade, mas sim o grau de consciência daqueles que a exercem.

Reflexão sobre a prática no Centro Educacional

Ao trazer esse conceito filosófico para a realidade do *centro educacional* onde realizo a pesquisa, alguns pontos podem ser observados. Vivemos ali uma realidade com as crianças muitas vezes difícil. São crianças bastante intensas. Suas demonstrações de carinho são muito grandes. Mas da mesma forma, a violência é algo bastante presente no cotidiano, tanto nas relações entre elas, como em reações violentas com os próprios professores, algumas vezes. As crianças demonstram ter como importante meio para se expressar, a violência. A autoridade, portanto, como qualquer outro ambiente, é necessária. E entendo existir duas formas bem claras de lidar, ou exercer, uma autoridade nesse local: uma é por meio da imposição, fazendo valer a autoridade que o cargo de professor outorga. Uma decisão do professor pode levar o aluno demasiado agressivo ou com mau comportamento a ser

suspensão. Levando em conta o fato de que no *centro educacional* as crianças têm acesso a oportunidades que a sociedade normalmente não oferece, como educação de qualidade, lazer e alimentação, ser mandado pra casa por mau comportamento, portanto, pode significar não comer. Ainda que essa ameaça ou imposição surta efeito muitas vezes (pois elas não querem, evidentemente, deixar de comer e ter acesso a essas oportunidades), acredito que isto estaria apenas ‘amordaçando’, reprimindo essa agressividade. A criança não estaria compreendendo os malefícios de um comportamento agressivo, apenas olhando a perda que esse poderia trazer.

A outra forma de lidar com a autoridade, entendo que seja através de um amor consciente, ou seja, de uma mescla entre carinho e doçura com firmeza no agir. Tentar de alguma forma fazê-los compreender seus erros, ao invés de castigá-los.

Trazendo a percepção deste princípio com a realidade do *centro educacional*, um episódio que aconteceu há algumas semanas pode ilustrar essa ideia. Eu estava com uma das turmas em um momento de atividade livre no chamado ‘jardim’ (ambiente para atividades de lazer, onde normalmente eles são levados após participarem e colaborarem das atividades de conteúdos pedagógicos). Dois dos alunos, Luís Fernando e Wellington, brincavam em cima de um muro. Numa atitude de maior violência (como é comum na rotina do centro), Luís Fernando empurrou Wellington de cima de onde eles estavam. Wellington caiu de boca no chão de terra e fez um corte que fez sangrar muito. Pela regra do *centro educacional*, minha atitude deveria ser acompanhar Wellington e proceder com curativos e encaminhar imediatamente Luís Fernando para a coordenação, onde dada a gravidade da agressão, certamente seria suspensão. Ao invés disso, fiz algo diferente. Obriguei Luís a vir comigo ao banheiro onde fui cuidar do machucado de Wellington. Enquanto lavávamos os ferimentos e o menino chorava bastante de dor, fiz que Luís Fernando olhasse o machucado causado pela queda. Fiz que ele acompanhasse todas as consequências geradas por aquela ação com seu colega. Luís Fernando chorava e tentava evitar ver a dor do outro. Enquanto Luís acompanhava o processo de atendimento, o questionava com firmeza e amorosidade sobre o que ele achava daquela situação. Se ele entendia o que estava fazendo seu colega passar. Toda a situação, a imagem do sangue, deixou Luís Fernando estático, com um olhar bastante assustado. Acredito que ver o sangue que saía da boca do colega, promoveu uma dor nele, um arrependimento.

Conversei com ele sobre o que havia feito e se entendia a gravidade da consequência de sua ação. Seus olhos assustados diziam claramente que sim. Quando terminei de limpá-lo e atendê-lo, e Wellington já estava mais calmo, pedi a Luís Fernando que pedisse desculpas sinceras ao colega e que desse um longo abraço nele, dizendo que não queria ter feito aquilo. Assim ele fez. Retornei ao espaço de recreação com os dois e os liberei pra voltar. Fiquei observando o que aconteceria depois e a cena foi interessante. Os dois ficaram deitados um do lado do outro em cima do mesmo lugar que houve a queda, com as mãos atrás da cabeça e olhando para o céu. Permaneceram assim até concluir o horário da aula. Lancharam juntos e foram embora conversando, tranquilos.

Na minha percepção, olhar a boca do colega sangrando, provavelmente, foi algo traumático para Luís Fernando. O estado que ficou por ser obrigado a acompanhar aquela situação, certamente, não foi algo agradável. Mas a dúvida é: o que o faria compreender mais a consequência de sua ação? Uma suspensão que o faria ficar em casa longe das atividades e da alimentação do centro? Ou olhar o sangue e o choro de seu amigo? A regra que o *centro educacional* estabelece é clara e minha atitude deveria ser ter encaminhado o agressor para a suspensão, ou seja, alguns dias sem vir à escola. É provável que em casa apanhasse dos pais, como também é comum vermos acontecer, estaria longe das atividades educacionais e não vejo como esse castigo poderia refrear o impulso de agredir que existe dentro dele.

Acredito que o aprendizado necessariamente passa pelo processo da compreensão, como Samael Aun Weor coloca muito bem. Ver o sangue e a dor do colega, talvez traga uma compreensão maior sobre as consequências de suas ações e uma visão de humanidade maior sobre o próximo. Exercer uma autoridade consciente, no meu entendimento, é estar ciente de todas as consequências de nossas escolhas ao liderar. É estar atento a questão humana, mais do que ao cumprimento de regras de maneira precisa. É exercer o equilíbrio entre misericórdia e justiça. Se formos apenas justos, nos tornamos carrascos. Se formos apenas misericordiosos, nos tornamos complacentes com o crime. Autoridade consciente é saber equilibrar essas duas forças de maneira harmoniosa na balança da Consciência.

3.2.4. Princípio 4 – Simplicidade

A compreensão criadora traz ao ser humano a verdadeira liberdade de viver. A memória e a recordação não são criadoras. “A memória é o sepulcro do passado. A memória e a recordação pertencem ao passado e são morte” (WEOR, 2008, p. 96).

Acredito que o conhecimento humano se manifesta ao longo da história por meio de quatro pilares: a ciência, a filosofia, a arte e a religião. Através desses veículos a humanidade de hoje e de sempre se expressa, se reinventa e se desenvolve. E é claro que todos nós devemos estudar ciência, filosofia, arte e religião. Devemos beber dessa fonte para nos tornarmos pessoas mais compreensivas acerca da realidade. Porém, é absurdo “(...) enterrar na fossa do passado os conhecimentos que devemos compreender (...), resulta incongruente depositar as joias vivas do conhecimento no sepulcro corrompido da memória” (WEOR, 2008, págs. 96 e 97). O conhecimento que estudamos, seja filosófico, científico, artístico ou religioso, não deve ser armazenado na memória, como quem armazena livros numa estante e que ali permanecem. É preciso compreendê-los através da experiência direta, da prática. Como na frase do Alcorão em que Maomé exclama: “Um homem que acumula teorias e não as coloca em prática é como um asno carregando livros”. As memórias, as lembranças, não podem trazer a compreensão autêntica, pois pertencem ao passado e o que passou já está morto. Além do fato da memória ser infiel (como podemos evidenciar em nós mesmos, ela falha) a compreensão verdadeira é algo que acontece exclusivamente no momento presente, no aqui e agora.

Temos a tendência a observar o momento presente a partir das lentes turvas do passado, ou seja, rotulamos as experiências do ‘agora’ baseados numa enorme carga de experiências anteriores que não foram digeridas pela consciência e o resultado é que não captamos a experiência do aqui e agora em si, de forma neutra, simples, pura, objetiva. Mas a captamos sob uma percepção subjetiva baseada em um rótulo mental da realidade a partir do que vivemos e não digerimos, criando um ‘discurso íntimo’ que rotula, julga, tudo com o que nos deparamos.

Uma pessoa que viveu muitas amarguras em sua vida, por exemplo, tem uma tendência a olhar a vida a partir desse prisma, com um olhar de tristeza. E ainda que viva experiências de alegria, não consegue aproveitá-las em sua simplicidade devido ao peso do olhar que carrega em seu fundo psicológico. Uma pessoa que cresceu em um lugar perigoso, cercado de pessoas violentas, é possível que observe o mundo sempre com olhar de desconfiança, de auto proteção, e enxergue em todos que encontre em seu caminho como uma ameaça, ainda que se depare com pessoas que verdadeiramente querem o seu bem. Quando olhamos o momento presente a partir de um preconceito nosso, perdemos a momentaneidade do fenômeno que testemunhamos e a possibilidade de compreendê-lo, pois estamos ocupados ouvindo a nós mesmos, identificados com nosso preconceito, com nossas teorias, com nosso

rótulo mental subjetivo. Se olhamos um belo pôr do sol, por exemplo, temos a tendência a julgá-lo ou a compará-lo. São comuns pensamentos como: ‘Que belo por do sol, se parece com um quadro tal que vi...’ ou ‘esse por do sol me lembra a viagem tal que fiz no ano tal... gostaria que fulano de tal estivesse aqui comigo para ver isso...’ etc., sem se dar conta que estamos perdendo a experiência, pois a mente já não está mais ali. Ou então quando estamos saindo de casa para um compromisso e de repente uma chuva muito forte começa a cair. Então, criamos um imenso discurso mental sobre como essa situação é ruim, como somos pessoas azaradas e o quão horrível nossa vida é, perdendo a observação do fenômeno ‘chuva’ em si.

Seria possível compreender algo que não estamos observando? O fenômeno em si é neutro, o rótulo que colocamos e acreditamos torna o evento bom ou ruim, e o discurso íntimo baseado na memória nos distancia da possibilidade de percebê-lo em si, sem nossas fantasias. Weor (2008) destaca que o importante na vida não é o que tenhamos acumulado na memória, mas o que tenhamos verdadeiramente compreendido. A ciência, o saber, devem se converter em compreensão imediata: “Quando o conhecimento, quando o estudo, transformarem-se em Autêntica Compreensão Criadora, podemos compreender então todas as coisas de imediato, porque a compreensão faz-se imediata, instantânea” (WEOR, 2008, p. 97).

No homem simples não existem complicações na mente porque toda complicação da mente se deve à memória. O Eu psicológico que levamos dentro é memória acumulada. A partir de Samael, entenda-se ‘Eu psicológico’ como o ‘mim mesmo’, o ‘si mesmo’ da psicologia. O ‘Eu’ é todo esse conjunto de memórias, desejos, anseios, medos, crenças, opiniões, contradições, etc. O ‘Eu’ se processa em sentimentos e pensamentos que se traduzem na forma de um ‘discurso íntimo’ e projeta esse conjunto de características ligadas à ‘minha opinião’, ‘minhas vontades’, ‘meus vícios’, ‘minhas certezas’, etc. (WEOR, 1998). O Eu psicológico, portanto, é memória acumulada não compreendida, não digerida.

As experiências da vida devem se converter em compreensão verdadeira. “O Homem Simples tem a mente livre de experiências, porque estas se tornaram Consciência, transformaram-se em Compreensão Criadora”. A morte e a vida encontram-se intimamente associadas. Só morrendo a semente, nasce a planta. Só queimando a lenha, arde a chama. Só morrendo um ser vivo, um outro se alimenta. “Só morrendo a experiência, nasce a Compreensão” (WEOR, 2008, p. 98). Este é um processo de transformação autêntica, em que ao invés da memória, o resultado é a consciência ampliada.

Há quem suponha que para ser compreensivos, simples e espontâneos, temos de abandonar o mundo, recusar a vida social, viver em cabanas ou cavernas isoladas e usar farrapos de tecidos naturais ao invés de roupas elegantes. Muitos ermitãos solitários, muitos monges reclusos, muitos faquires disciplinados têm mentes complicadas e difíceis. “É inútil afastar-se do mundo e viver como anacoreta se a memória está cheia de experiências que condicionam o livre fluir do pensamento” (WEOR, 2008, p. 98).

Para o autor, o aprendizado está diretamente ligado à simplicidade. Não uma simplicidade financeira ou no modo de se vestir. A simplicidade autêntica estaria vinculada a um estado mental, a uma mente simples que é capaz de perceber a realidade em si, sem complicações da mente:

Aqueles que transformam as informações intelectuais em Verdadeira Compreensão Criadora, aqueles que transformam as experiências da vida em Verdadeira Compreensão a Fundo, nada tem na memória, vivem de momento em momento cheios de Plenitude Verdadeira, tornaram-se Simples e Espontâneos, ainda que vivam em suntuosas residências dentro do perímetro da vida urbana (...) Nós devemos reconquistar a Infância Perdida em nosso Coração e em nossa Mente. Nós devemos reconquistar a Inocência, se é que realmente queremos ser felizes (WEOR, 2008, págs. 98 e 99).

Reflexão sobre a prática no Centro Educacional

Para fazer um paralelo deste princípio com a realidade do *centro educacional*, um exemplo em especial pode ajudar a ilustrar. Nesse momento (novembro de 2013), estamos nos preparando para uma apresentação de fim de ano do *centro educacional*. Com a temática de ‘cinema’, estamos construindo uma apresentação em que as cento e cinquenta crianças do centro social irão participar e que irá contar a história da escola no morro. Toda a comunidade do morro estará presente. A linguagem escolhida será uma mescla de cinema e apresentações de dança. Haverá um telão onde começará um filme sobre a escola e onde os protagonistas são as crianças. A cada momento em que o filme abordar algum período histórico da escola, o cinema virará ‘3D’ e entrará uma apresentação de dança das crianças relacionada ao que se passa no filme. Fui responsável pelo roteiro dessa produção e pela coreografia de duas dessas produções. Assim formamos grupos de acordo com as apresentações e estamos ensaiando todos os dias.

Um dos grupos que estou trabalhando, intitulado ‘As Lavadeiras’, são dez meninas na faixa etária de dez, onze anos de idade. Dessas meninas, duas têm uma

aproximação muito forte comigo. Busco ser carinhoso e atencioso com todos os alunos e alguns acabam sendo mais recíprocos a essa aproximação. Jennifer e Quézia são alunas próximas que me fizeram um pedido um tanto inusitado: pediram para me chamar de pai. No início foi um pouco estranho pra mim, dada a responsabilidade. Não sabia o que poderia causar esse tratamento ao longo do tempo, mas assim permiti. As duas me chamam de pai desde então e são muito carinhosas comigo. Ainda que continuem sendo crianças e tendo muitas vezes comportamentos indisciplinados, respeitam-me imensamente e a produtividade nas aulas aumentaram muito. Até aí nada de excepcional, mas um fato muito curioso começou a acontecer. Por me chamarem de pai e por termos uma forma muito carinhosa de nos tratarmos, de alguma forma, pouco a pouco, isso influenciou o grupo. Mesmo meninas que não apresentavam grande prestígio por mim, passaram a ter uma postura mais carinhosa. Menos uma delas: Chaiane.

Por algum motivo, ela me rejeita profundamente. A rejeição começou pequena, mas entrou numa crescente. A cada dia se tornava mais complicado a relação com ela em sala. Apesar do predominante carinho presente na sala, havia esse forte contraste com relação à menina. Ela se recusava a participar dos ensaios e muitas vezes impedia que o mesmo acontecesse. Xinga-me e reclama o tempo todo. Diz que eu sou muito chato, que a aula é muita chata, que as músicas que escolhi pra dançarmos são péssimas e desafia minha autoridade como professor o tempo todo. Essa situação desestabilizava todo o grupo, principalmente porque a menina faz balé há anos, tem algum conhecimento de dança e sua opinião nesse sentido é valorizada pelas outras. Como ela impedia o andamento dos ensaios, me via na obrigação de ser rígido com ela, já que o carinho e a conversa não funcionavam. Nos dias mais complicados, quase chegava a parar a aula, sentar e chorar. Literalmente. Até que comecei a perceber algo. Comecei a reparar que sua raiva crescia nos momentos em que as alunas me abraçavam e beijavam. Logo em seguida, ela começava a criar atritos e atrapalhar, como quem chama a atenção. Passei a ignorá-la em suas ofensas e a observá-la sutilmente. Até que um dado momento, observando, tive a certeza, ela gostaria de ser carinhosa como as amigas, mas não conseguia. Então, num momento em que ela mais uma vez me xingava, olhei em seus olhos sem dizer nada. Ela evitou o olhar e saiu de perto. Fui até ela e parei diante dela, passivo, tentando passar ternura no olhar. Ela esquivava os olhos. Sutilmente, comecei a fazer carinho em seu rosto. Dei um beijo em sua testa. Olhei de novo e os olhos dela estavam cheios d'água. Lentamente, fui a abraçando e aconchegando em meu peito, como um pai faz com a filha. Beijava sua testa e fazia carinho em sua cabeça.

Acompanhado de um grande suspiro, a menina ‘desabou’. Chorou bastante e sua fisionomia era de um bichinho assustado e indefeso. As outras meninas vieram até nós e em volta diziam: “Aceita ele, aceita ele, logo!” Pedi que déssemos um abraço coletivo nela e fizemos uma grande acolhida a ela.

Em seguida, enquanto a menina chorava desabafando, conversei algum tempo com ela, dizendo coisas sobre o quanto não importa o que aconteceu em nossa vida antes, e sim o que fazemos daqui pra frente. Disse que ela não precisava sentir vergonha de demonstrar amor e carinho pelas pessoas e que se ela abrisse seu coração ao amor e a sentir o que a vida lhe traz sem medos, seria mais feliz assim. Ela apenas ouviu atentamente e chorou bastante. No fim do ensaio, levei-a ao ônibus pela mão e as colegas também foram bastante solícitas.

O que percebi com essa experiência é que essa menina não conhecia, ou conhecia muito pouco, o carinho em sua vida. Não estava habituada a esse tipo de sentimento e expressão. Baseada apenas nas emoções que já conhecia, não se permitia sentir algo novo, algo que não estivesse dentro do campo de suas experiências prévias. Em seu interior, sentiu a vontade de demonstrar carinho, mas possíveis memórias ligadas à violência ou memórias de que falta de carinho, tornaram-se uma barreira para esse sentimento vir à tona de maneira espontânea. A memória impede a espontaneidade. Quando se deparou com essa limitação, com essa barreira interna, sentiu dor e sentiu raiva de tê-la. Gostaria de sentir o que as amigas sentem livremente, sem bloqueios. E assim canalizou essa raiva naquele que apontou sua limitação: o professor demonstrando carinho com os alunos. Não tenho dúvida de que a afetividade e a amorosidade estão presentes na essência de Chaiane, que fazem parte dela. Mas existem barreiras que atravancam o fluir espontâneo dessa manifestação de forma pura, ingênua, simples. A memória produz o julgamento e assim não mergulhamos na experiência de estar vivo por completo. Observamos o presente através das lentes turvas, subjetivas, do passado. Precisamos vivenciar as experiências diárias, agradáveis ou desagradáveis, com profundidade, serenos, sem transformá-la numa rejeição ou num desejo de retê-la entre as mãos. A experiência transformada em compreensão, em consciência, tal qual a lenha se transforma em fogo no caldeirão da locomotiva. Transformando memória em compreensão nos tornamos mais espontâneos, mais puros, mais simples.

Sem o conhecimento desse princípio de ‘simplicidade’ provavelmente teria encaminhado esta menina para a coordenação para ser punida, por sério desrespeito ao

professor. E nós dois, Chaiane e eu, simplesmente teríamos perdido a oportunidade do enorme aprendizado por trás dessa situação.

3.2.5. Princípio 5 - Vocação

No campo da vida profissional, quantos de nós segue uma vocação íntima e quantos atuam em profissões aleatórias escolhidas a partir de facilidade, status ou dinheiro?

Segundo Samael, todo ser humano deve servir para cumprir um papel na vida. O difícil é saber para que serve cada indivíduo. As influências externas como família, amigos, mídia, questões financeiras, etc., costumam ser maiores que o quanto o indivíduo se autoconhece em profundidade. Mas um dos focos da educação deve ser fornecer meios para que o indivíduo encontre sua vocação autêntica. Considera:

Quando alguém está plenamente convencido do papel que tem que representar na existência, faz então de sua Vocação um apostolado, uma religião, e converte-se, de fato e por direito próprio, em um apóstolo da humanidade. Quem conhece sua vocação ou quem chega a descobri-la por si mesmo, passa por uma mudança tremenda. Já não busca o sucesso, pouco lhe interessa o dinheiro, a fama, a gratidão. Seu prazer está na alegria que lhe proporciona haver respondido a um chamado íntimo, profundo, ignoto, de sua própria Essência Interior (WEOR, 2008, p. 123).

Separando como coisas distintas o ‘Eu psicológico’ e essa Essência Interior embutida dentro do ‘Eu’ (WEOR, 1998), destaca o autor: “O Sentido Vocacional nada tem a ver com o Eu, pois o Eu detesta nossa própria vocação, porque ao ‘Eu’ somente apetece suculentas entradas monetárias, posição, fama, etc.” (WEOR, 2008, p. 123). Enquanto que quando somos guiados por nossa vocação autêntica somos levados “...a acometer as mais tremendas empresas à custa de toda classe de sofrimentos e calvários” (WEOR, 2008, p. 123), agindo de forma desinteressada, sem esperar recompensas em troca de seu sacrifício. Pessoas como Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Joana D’arc, Simon Bolívar, Beethoven, Michelangelo, Albert Einstein, são exemplos de indivíduos que estavam completamente entregues às suas vocações, e obter fama a partir disso, não parece ter sido planejado por nenhum deles.

Achar nossa verdadeira vocação, para o autor, é o problema social mais grave e que se encontra na base de todos os problemas sociais.

Quando um cidadão encontra seu verdadeiro e legítimo ofício, torna-se, por esse fato, insubstituível. Exercemos nosso trabalho como um verdadeiro apóstolo, sem cobiça alguma e sem desejo de poder. Então o trabalho, em vez de produzir em nós cobiça, aborrecimento ou desejos de mudar de profissão, traz-nos alegria verdadeira, profunda, íntima, ainda que tenhamos de suportar pacientemente dolorosas via crucis (WEOR, 2008, p. 124).

Ao mesmo tempo, quando a pessoa está numa atividade que não corresponde à vocação legítima, passamos a pensar em função do ‘mais’. Como não há o alinhamento entre a atividade exercida e nossa característica primordial intrínseca que faz parte de nossa essência, não há a sensação de realização, de preenchimento, de familiaridade em saber que estamos no ‘lugar certo’. Inconscientemente passamos a querer uma ‘compensação’. “O mecanismo do Eu é o ‘mais’. Mais dinheiro, mais fama, mais projeção, etc., e como é natural, o sujeito torna-se hipócrita, explorador, cruel, desapiedado, intransigente, etc.” (WEOR, 2008, p. 125). Qual o estereótipo do empresário capitalista ambicioso? É evidente que a generalização fatalmente cai no erro, pois sempre há exceções, mas de um modo geral, o que observamos da relação entre empresas privadas e funcionários, costuma ser uma relação justa e consciente? Aquele que age em função do ‘mais’ age de forma cega passando por cima de valores, de ética e de pessoas em busca de satisfazer sua ganância. De fato, a pessoa que age exclusivamente em função do ‘mais’ torna-se uma ameaça para o ecossistema que habita.

Quando observamos as classes privilegiadas, sejam do Leste ou do Oeste do mundo, podemos evidenciar a falta total de sentido vocacional. Os chamados ‘meninos de bem’ agora assaltam à mão armada, violam mulheres indefesas, etc., para matar o tédio. Não havendo encontrado sua posição na vida, andam desorientados e se convertem em ‘rebeldes sem causa’ para variar um pouco (WEOR, 2008, p. 125).

Cada um é livre para pensar como queira. O que observo é que poucas pessoas estão realmente contentes em seu trabalho, pois a posição que ocupam não corresponde à vocação. Muitos vendedores deveriam ser médicos ou engenheiros. Muitos advogados deveriam ser ministros e muitos ministros deveriam ser artesãos.

As pessoas estão em posições que não lhes correspondem, que nada têm a ver com sua verdadeira Vocação Individual. Devido a isto a máquina social funciona pessimamente. Isto é semelhante a um motor que estivesse estruturado com peças que não lhe correspondem e o resultado tem que ser, inevitavelmente o desastre, o fracasso, o absurdo (WEOR, 2008, p. 125).

Destaca Weor que o indivíduo encontra sua vocação por umas das três vias: auto descobrimento de uma capacidade ou habilidade especial, possibilitado pelo autoconhecimento; visão de uma necessidade urgente, como exemplo o caso do até então advogado, chamado Gandhi; raríssima indicação de pais e professores.

Relacionando esse tema ao *centro educacional*, dentro do que é possível, tento ter esse olhar em relação aos alunos. Os jogos e exercícios como um todo ajudam as crianças a se auto explorarem e descobrirem as próprias habilidades. Percebo duas coisas no dia-a-dia: em sua maioria, elas não têm consciência das habilidades que possuem. Vejo alunos com potencial fortíssimo para as artes e para a comunicação, mas que não sabem disso. Ou outro ponto é que a visão de mundo sobre o tema profissões é muito limitada. Em geral, elas conhecem apenas as profissões que são mais exercidas pelos moradores da comunidade, ou seja, na maioria das vezes, profissões que não exigem uma formação intelectual. Para auxiliar nesse sentido, costumo fazer um jogo com eles em que escrevo diversas profissões em papéis e cada um deve tirar um papel e usar o corpo para mostrar através de movimentos qual a profissão exercida. Esse exercício ajuda a desenvolver a capacidade de expressão corporal, ajudando-os a descobrir potencialidades, ao mesmo tempo em que amplia o leque de informações sobre as profissões existentes, pois quando não conhecem a profissão em questão, faço um pequeno debate sobre as dúvidas e esclareço do que trata cada ofício escolhido.

3.2.6. Princípio 6 - O Bem e o Mal

Qual o objetivo dos centros de educação do mundo? Qual o papel, afinal, da escola? Poderíamos resumir como formar ‘bons cidadãos’? Pessoas boas? Talvez, sim. Mas que coisa é essa de boa pessoa, bom cidadão? Quem define, afinal, o que é o ‘bom’?

De um modo geral, os códigos morais, códigos de conduta e doutrinas das mais variadas, que de alguma forma visam nortear o comportamento humano, têm como parâmetros a referência do ‘Bem’ e do ‘Mal’. Essas duas palavrinhas tornaram-se uma forma de classificar valores, ações, pessoas, etc. De certo modo, o objetivo das escolas, colégios e universidades é formar ‘bons cidadãos’ e ‘bons profissionais’. Com o transcorrer da história através dos inumeráveis séculos, a humanidade viciou-se nessas duas palavras e as transformou no fundamento, na referência, de todos seus códigos morais. Assim, vivemos em uma sociedade com a mente engarrafada entre o Bem e o Mal.

Abandonados aos julgamentos arbitrários dos outros, oscilamos diariamente entre o desejo de ser amado e o medo da rejeição por produzir. Qualificados como ‘bons’ ou ‘maus’ desde o nascimento (um bebê ‘bom’ não chora) nos tornamos tão

dependentes da tênue *base de julgamento* de aprovação/desaprovação que ficamos criativamente paralisados. Vemos com os olhos dos outros e sentimos o cheiro com o nariz dos outros. (SPOLIN, 2010, p. 06).

Samael Aun Weor traz uma visão revolucionária sobre os conceitos de Bem e Mal e defende que essa abordagem também deve fazer parte da reflexão dos alunos nos bancos escolares:

O Bem e o Mal não existem. Uma coisa é boa quando nos convém e má quando não nos convém. O Bem e o Mal é uma questão de conveniências egoístas e caprichos da mente. Os termos Bem e Mal servem sempre para justificar ou condenar nossos próprios erros. Quem justifica ou condena, não compreende.” (WEOR, 2008, págs. 137 e 138).

Toda a natureza, e isso inclui o ser humano, possui forças positivas, negativas e neutras. Existe um processo natural de evolução e involução e que este compõe o eixo mecânico que mantém a natureza em equilíbrio. Se observarmos os processos naturais, veremos que plantas, animais, pessoas, civilizações, planetas, impérios, sistemas políticos, etc., tudo, absolutamente tudo que podemos observar com nossos cinco sentidos, têm um processo natural e inevitável de nascimento, evolução, ápice, involução, degeneração e morte.

Todos los fenómenos son discontinuos; el dogma de la evolución no sirve para nada, como no sea para estancarnos (...) La Evolución y la Involución son dos leyes que se procesan simultáneamente em todo lo creado, constituyen el eje mecánico de la Naturaleza; pero jamás nos llevan a la Liberación (WEOR, 2010, págs. 96 e 97).

Para Weor (2008), as forças positivas correspondem às forças de evolução. As negativas às de involução e as neutras são as forças que mantém o eixo funcionando em equilíbrio. Segundo o autor, esse é o mecanismo fundamental da natureza a que tudo está submetido. Inclusive a psicologia e os processos internos do Homem.

É inteligente compreender o desenvolvimento das Forças Evolutivas, porém, não é inteligente justificá-las com o termo ‘Boas’. É inteligente compreender os processos das Forças Involutivas, mas resulta estúpido condená-las com o termo de ‘Más’. Toda Força Centrífuga pode converte-se em Força Centrípetas. Toda Força Involutiva pode transformar-se em Evolutiva (...) Justificar determinado tipo de energia e condenar outro não é Compreender. O vital é Compreender (WEOR, 2008, p. 138).

Cada um é livre a pensar como queira. Minha opinião é que a única coisa realmente importante na vida é conhecer a si mesmo e desfazer a imagem fantasiosa que temos sobre nós mesmos. Cada um pensa o melhor de si e acredita que as pessoas são ingratas por não reconhecerem nossa bondade e perfeição. No entanto, o que percebo é que todo ser humano é floreado de defeitos e aquilo que condenamos nos outros, temos de sobra dentro de nós mesmos.

Cada um a sua maneira carregamos em nosso interior a inveja, o orgulho, a soberba, a presunção, a intolerância, a impaciência, a ira, o preconceito, o egoísmo, a ingratidão, a má vontade, a indiferença, a infidelidade, o medo etc. Cada ser humano tem o dever de estudar a si mesmo de forma íntegra, sincera, imparcial, em todos os níveis da mente, desde a superfície até nosso ‘submundo interior’, até nossas ‘trevas interiores’ onde reina a inconsciência, e descobrir, desmascarar e compreender os defeitos que nos caracterizam, sem auto enganos, sem auto proteção, sem justificativas de nenhuma espécie, pois são esses mesmos defeitos que aprisionam nossa Consciência e nossa compreensão mais ampliada e mais profunda sobre nós mesmos e sobre a existência.

Esse entendimento deveria ser a base de qualquer sistema educacional, não importa qual seja, pois como esperamos estudar e conhecer o mundo, outras pessoas, as leis da natureza, se não estudamos e conhecemos nem a nós mesmos? Quem quiser acabar com seus defeitos e limitações não deve justificá-los nem condená-los. O objetivo da educação deve ser levar o indivíduo a compreender e eliminar os próprios defeitos, emancipando a própria Consciência sobre si, sobre a existência e sobre a profundidade do significado de estar vivo. Cita o autor:

Compreender a Ira em todos os níveis da mente é fundamental para que nasça em nós a Serenidade e a Doçura. Compreender os infinitos matizes da Cobiça é indispensável para que nasça a Filantropia e o Altruísmo. Compreender a Luxúria em todos os níveis da mente é condição indispensável para que nasça em nós a Fidelidade. Compreender a Inveja em todos os Terrenos da Mente é suficiente para que nasça em nós o Sentido de Cooperação e a Dita pelo bem-estar e progresso alheio. Compreender o Orgulho em todos os seus matizes e graus é a base para que nasça em nós, de forma natural e simples, a flor exótica da Humildade. Compreender o que é esse elemento de inércia chamado Preguiça, não só em sua forma mais grotesca, mas também em suas formas mais sutis, é indispensável para que nasça em nós o Sentido de Atividade. Compreender as diversas formas de Gula e Glotonaria equivale a destruir os vícios do Centro Instintivo como os banquetes, bebedeiras, caçadas, carnivorismo, medo da morte, desejos de perpetuar o Eu, temor à aniquilação, etc. (WEOR, 2008, p. 140).

Como podemos observar, o autor aponta o conhecimento como um processo de eliminação e não de acréscimo. Vivemos um mundo em que a quantidade de informações disponíveis nunca foi tão grande. Qualquer pessoa com acesso a internet, por exemplo, pode ter acesso a praticamente todo conhecimento registrado na história. É bastante provável, diria que é evidente, que um adolescente comum dos dias de hoje, tenha acesso a muito mais informações do que Platão ou Aristóteles, por exemplo, tiveram em toda sua vida. E onde estão os resultados disso? Se o sinônimo de sabedoria é a quantidade de informações que se ingere, que se adquire, por que não temos gênios a cada esquina? Aonde estão os Platão's,

Sócrates, Shakespeare's contemporâneos, mas ao invés disso a depressão e o stress como as doenças que mais crescem no mundo?

Os mestres de escolas, colégios e universidades, aconselham aos seus discípulos e discípulas para que melhorem, como se o Eu pudesse melhorar; que adquiram determinadas virtudes, como se o Eu pudesse conseguir virtudes, etc. É urgente compreender que o Eu não melhora jamais, que nunca será mais perfeito e que quem cobiça virtudes rebustece o Eu. A Perfeição Total só nasce em nós com a Dissolução do Eu. As Virtudes nascem em nós de forma natural e simples, quando compreendemos nossos Defeitos Psicológicos, não somente no nível intelectual, mas também em todos os Terrenos Subconscientes e Inconscientes da Mente. Querer melhorar é estúpido, desejar a Santidade é Inveja, cobiçar Virtudes significa rebustecer o Eu com o veneno da Cobiça. Necessitamos da Morte total do Eu, não só nível intelectual, mas também em todos os recantos, regiões, terrenos e corredores da mente. Quando morremos absolutamente, só fica em nós Isso que é perfeito. Isso que está saturado de Virtudes, Isso que é a Essência de nosso Ser Íntimo, Isso que não é o Tempo (WEOR, *idem*).

Meu objetivo em minhas aulas, na qual minha ferramenta de trabalho é o teatro, e naquilo que me compete auxiliando na formação dessas crianças, não é formar boas pessoas. Não pretendo dizer qual caminho elas devem seguir. Meu objetivo é tentar fornecer através do teatro, meios para que elas entrem em contato com sua própria essência, com sua própria espontaneidade no ser e agir e com sua capacidade de criação. Na mesma medida, que também tomem consciência das próprias limitações e dos próprios defeitos para saber o que devem remover de dentro de si, o que se deve combater para ampliar a própria realidade. Não procuro ser um professor que traz respostas. Todo meu esforço está em estimular essas crianças e jovens a fazer perguntas, desde as mais práticas sobre profissão e sobre a interação com outras pessoas até as mais existenciais e profundas sobre o significado da existência.

3.3. O que é Consciência Criativa?

O que é Consciência? O que é Criatividade? O que é mais importante: saber responder ou saber perguntar?

Na vida prática é bastante comum que a família e a escola digam aos jovens o que devem pensar, mas não os ensinem como pensar. Saber o que pensar é relativamente muito fácil. Nossos pais, professores, autores de livros, etc., cada um a sua forma, tenta ditar sobre os demais a própria maneira de pensar. A publicidade tenta nos convencer diariamente de coisas que precisamos comprar. A mídia sensacionalista nos influencia selecionando e apresentando notícias de modo parcial e interesseiro. Empresários, religiosos, anarquistas, políticos, idealistas, cada um quer que pensemos de acordo com sua lógica, com sua verdade,

com suas teorias, preconceitos, etc. Cada um acredita possuir ‘respostas’. Existe uma tendência muito forte hoje em dia de influenciar, de tentar controlar a mente alheia. Poucos são os que respeitam a liberdade intelectual dos demais. Cada um se sente judicioso, sábio, maravilhoso e, como é esperado, deseja que os demais sejam como ele, que pensem e ajam como ele. O pai quer influenciar as ideias do filho, muitas vezes mais pela imposição que pela reflexão. O professor dá notas baixas aos alunos que não seguem as normas de boa conduta. O marido quer pôr à força na cabeça da mulher suas ideias e a mulher tenta fazer o mesmo. Essa tendência de escravizar a mente dos demais fica ainda mais evidente quando estudamos a página negra da história mundial. Abundam exemplos históricos e atuais (diversos países do Oriente Médio e da Ásia, por exemplo) de sangrentas ditaduras que se empenharam em escravizar os povos e que ditam o que a gente deve pensar.

Se a criança forma sua personalidade a partir dos exemplos que a cercam, poderia a criança desenvolver a capacidade de criar se lhe é imposto o que deve pensar? Seria possível tornar-se algo totalmente distinto das influências externas sem antes descobrir dentro de si a capacidade de criar?

“A mente da criança é terna, elástica, dúctil, e a dos velhos já está dura, fixa como argila em um molde, já não muda, já não pode mudar. A mente das crianças e jovens é suscetível de muitas mudanças, pode mudar” (WEOR, 2008, p. 42).

A mente das pessoas é moldada desde a infância. Isso é o que pais e professores normalmente preferem fazer. Salvo alguns poucos segmentos pedagógicos atuais baseados na criatividade, como por exemplo, Piaget, Vigotski, Rudolf Steiner e Paulo Freire, de um modo geral, pais e professores esforçam-se em dar forma à mente das crianças e dos jovens convertendo-as em seu modelo. Uma mente que é metida em um molde é uma mente condicionada, mente escrava. É preciso que o ensino atual saiba direcionar a mente das crianças para a liberdade verdadeira, para que não se deixem escravizar mais, que se ensine aos alunos como se deve pensar, que é preciso questionar e refletir, e que é possível recriar a si mesmo.

Assim como estes pedagogos acima citados, que no decorrer do século XX trabalharam para novos paradigmas na educação, que estimulassem a consciência e a criatividade, Weor (2008) propõe desde 1978, ano em que escreveu “Educação Fundamental”, que os professores devem compreender a necessidade de ensinar aos alunos o caminho da análise, da meditação, da compreensão. Nenhuma pessoa compreensiva deve aceitar, nem

rejeitar, nada de forma dogmática. Não importa quantas pessoas, se o mundo inteiro, nos diz o que é o correto. Primeiro é preciso investigar, compreender, inquirir, antes de aceitar. Quando a compreensão é plena a aceitação é desnecessária. Onde há compreensão, a aceitação ou a rejeição ficam sobrando. O Caminho da Sabedoria não consiste em crer ou não crer ou duvidar. O Caminho da Sabedoria consiste em inquirir, analisar, meditar e experimentar. A etimologia da palavra '*sabedoria*', vem do latim '*sapere*', que significa *saborear, experimentar**. Portanto, a educação voltada para que o indivíduo obtenha compreensão leva pelo caminho do 'como pensar' e não oferece 'o que pensar' através de teorias e fórmulas para que a pessoa as aceite como as corretas, mas oferece meios para que a pessoa aprenda a pensar por si mesma e possa se tornar criadora do próprio destino.

Para Spolin (2010), a experiência criativa é o resultado de uma exploração particular, íntima, de cada indivíduo. Cita: "Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para a criança que se movimenta inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com suas equações" (SPOLIN, 2010, p. 03).

A afirmação de Spolin acima me leva novamente às perguntas iniciais: o que é consciência e o que é criatividade? Consciência é a capacidade intrínseca no ser humano de saber que está vivo, que existe. É através dessa faculdade que podemos perceber a realidade. A criança que chuta o ar, engatinha e depois anda, o faz na medida em que toma consciência de seu corpo e seu domínio sobre ele. Na medida em que toma consciência da gravidade sob seus pés e das possibilidades diante dela. A consciência percebe e interage com a realidade sempre de forma direta. De nada adiantaria explicar à criança a equação por trás da gravidade e dizer a ela como agir. Seria inútil. Ela só pode aprender por si mesma, experimentando por intermédio de sua própria consciência.

A criatividade é uma consequência natural quando o indivíduo está estabelecido sobre o 'como pensar'. Quando o indivíduo explora a realidade por si e passa a pensar de maneira independente, de forma natural e simples, torna-se um indivíduo criativo. A partir dos desafios apresentados pelo meio ambiente e da necessidade de interação com o outro, cria soluções singulares, enxerga situações a partir da própria experiência e não da imitação gerada pela imposição do 'o que pensar'.

Ao aproximarmos os dizeres de Weor e de Spolin, percebemos que a criatividade implica em desenvolver a sabedoria corporal ligada à presença, da consciência em ação do

que se cria e de uma ação concreta, da experiência direta vivenciada e não sobre uma teoria lida e memorizada, sobre a reprodução mecânica de um conceito.

Esse é o tipo de consciência criativa que busco despertar nas crianças do *centro educacional*. Não se trata de criatividade artística ou profissional, mas da capacidade de se manter longe da imitação e originar uma ação baseada sempre na experimentação e na reflexão. A consciência de que o conhecimento é adquirido mais através de perguntas do que da aceitação de respostas prontas.

4. JOGOS TEATRAIS: aplicações práticas para desenvolvimento da Consciência Criativa

A partir dos princípios pedagógicos e filosóficos estudados no capítulo anterior, pretendo abordar agora a forma como busco aplicá-los na prática. Levando em consideração que princípios são ligados a um comportamento norteador e a uma forma de atuação mais ampla. O objetivo não é apresentar um jogo ou exercício que resolva as questões apontadas, e sim, apresentar alguns exemplos de como podemos tornar físicas e exercitar determinadas habilidades que se relacionam com princípios gnósticos que são considerados importantes dentro desse conhecimento e desses estudos.

As práticas foram aplicadas em crianças e jovens entre seis e treze anos, em turmas com uma média de vinte alunos cada e que se dividem por faixas etárias aproximadas. A grande maioria não tem experiência com o teatro.

Os pontos ou princípios escolhidos para ser colocados à prática são: *livre iniciativa; coragem; compreensão; memória; escuta; disciplina.*

Cada item será apresentado da seguinte forma:

Fundamento filosófico: apontamento do problema e possível solução teórica para o mesmo.

Jogo aplicado e reflexões: descrição de um jogo ou exercício aplicado, qual foi o resultado observado e quais as reflexões geradas a partir do mesmo.

4.1. Livre Iniciativa

Fundamento filosófico: o ponto de partida da ciência oficial é a observação. É impossível que haja conhecimento sobre um determinado fenômeno sem que antes o mesmo tenha sido observado. Assim, através de experimentos em laboratórios, por exemplo, os geneticistas observam células e genes, elaborando assim seus conceitos e conhecimento. Da mesma forma, um astrônomo observa o espaço, um biólogo observa a natureza e um economista observa o mercado e a política econômica. E o que existe de comum entre esses profissionais? O fato de que possuem seu conhecimento baseado em elementos observáveis, experimentáveis, perceptíveis. Através de um processo de experimentação e da observação do

mesmo, o profissional vai investigando o fenômeno, esquadrinhando, dissecando, medindo, calculando, e assim, aos poucos, o vai compreendendo. Baseado em elementos experimentáveis vai construindo um conhecimento concreto, que para ser respeitável e aceito, deve afastar-se de conjecturas, de possibilidades teóricas, para adentrar o terreno dos fatos.

Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961), filósofo e escritor, líder do pensamento fenomenológico na França, faz a seguinte reflexão sobre ciência e percepção:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 03).

O que seria necessário, então, para que o ser humano aumentasse a percepção sobre si mesmo? Seria possível o ser humano descobrir e compreender suas dificuldades de modo científico? Seria possível que as crianças do morro descobrissem meios de comunicação diferentes dos da violência sem que antes explorassem essas possibilidades dentro de si mesmas? Seria possível um ser humano desenvolver a capacidade de criar sem antes se auto explorar?

As limitações não são uma exclusividade de crianças em situação vulnerável. Todos nós passamos por certas dificuldades e limitações na vida pessoal e profissional que poderiam nos levar a algumas perguntas: como poderia desenvolver minha comunicação e me tornar um profissional melhor? Ou, por que sou tímido para dançar numa festa? Por que tenho vergonha de falar em público? Por que não consigo me concentrar no que estou fazendo ou por que é tão difícil manter a tranquilidade numa situação que não é esperada? É impossível dominar o que não se conhece.

Adentrando o tema percepção é interessante observar que todo ser humano vive simultaneamente em dois mundos: um mundo exterior a nós mesmos e em um mundo interior. No mundo exterior estão a nossa casa, nosso trabalho, a universidade, a internet, as viagens, a família, os amigos e a padaria na esquina. No mundo interior estão nossos pensamentos e sentimentos. O mundo exterior é experimentável, perceptível, mediante a observação e os demais sentidos de nosso corpo. Mediante a exploração obtemos conhecimento sobre o mundo exterior. E não há dúvida de que é preciso aprender a caminhar sobre o mesmo. Assim, aprendemos como se portar para não cair num precipício, não comer veneno, não ser atropelado e como conseguir alimento. Aprendemos por experiência própria

(não através de uma teoria aceita pela maioria, mas através de experiência direta, vivida) que esse ambiente funciona através de algumas leis, como a gravidade ou a evolução e involução dos organismos vivos, por exemplo. Tais conhecimentos não se tratam de mera conjectura, hipóteses ou teorias. São conhecimentos adquiridos a partir de experiências concretas. E não se trata também de opiniões ou de uma interpretação pessoal. As leis são observáveis e válidas para todos que por aqui habitam. Ainda que alguém não acredite na força infalível da gravidade, isso não mudaria sua realidade concreta.

Assim, da mesma forma que necessitamos aprender a caminhar no mundo exterior, acredito que é preciso aprender também a caminhar no mundo interior. Se o mundo exterior é experimentável mediante a observação, o mundo interior é experimentável mediante a auto-observação. Infelizmente, de um modo geral, considera-se o mundo exterior como o real e o mundo interior como algo abstrato, sem importância. Porém, se analisarmos por alguns instantes, veremos que o mundo exterior é extremamente efêmero, muda a todo instante. Em um dado momento estamos no trabalho, em outro já estamos em casa. Em um momento estamos caminhando na rua, e em outro podemos estar numa viagem. É possível, inclusive, mudar completamente nosso mundo exterior com relativa facilidade. Se não gosto de meu trabalho, posso conseguir outro. Se não gosto de meu cônjuge ou de meus amigos, posso trocar de cônjuge e amigos. Posso mudar até de país, se assim for desejado. No entanto, em cada um desses lugares, inevitavelmente, levamos conosco nosso mundo interior. Nossos pensamentos e sentimentos, nossas vontades, opiniões, medos, inibições, habilidades, crenças, etc., estão presentes aonde quer que vamos. Portanto, podemos dizer que nosso mundo interior é mais presente e real em nossa vida do que as poltronas da sala ou os colegas de trabalho.

A partir dessa lógica, torna-se evidente a necessidade de que o ser humano se autoconheça. Pois assim como o mundo exterior, o mundo interior tem seus princípios e mecanismos próprios. A timidez, por exemplo, tem uma natureza própria que se compreendida, pode ser destravada ou até eliminada. Como seria possível alguma mudança interna com o objetivo de melhorar nossa vida pessoal ou profissional, se ignoramos a existência de nosso mundo interior e desconhecemos as leis pelas quais ele é regido?

Acredito ser impossível haver desenvolvimento real de um aspecto de nossa vida sem saber onde se está e para onde se vai. Quando cremos já conhecer tudo sobre algo, novas possibilidades são impossíveis. Ficamos fechados para receber novas percepções e vem a estagnação. Para transformar algo é preciso conhecimento. E para haver conhecimento é

preciso antes observação. Para se autotransformar e se recriar, portanto, é preciso se autoconhecer.

Esse se autoconhecer só é possível por meio de um sistema prático, ligado a uma experiência concreta. Isso de teorizar só pode haver valor quando a teoria é um preparo para a prática. Posso criar mil teorias sobre o que é uma determinada cadeira, por exemplo. Posso teorizar sobre qual sua cor, peso, tecidos, etc. Mas o que me torna consciente, conhecedor da cadeira, é tocá-la, sentir seu cheiro, sua textura, sua temperatura e a partir da experiência com a cadeira posso confrontar a imagem teórica que tinha da cadeira com a realidade objetiva daquilo que ela é.

Da mesma forma, podemos ter uma visão teórica sobre nós mesmos, baseados em uma realidade em que estamos na zona de conforto das ações e reações já previsíveis. No entanto, para saber mais sobre nós mesmos é preciso estar disposto a se colocar numa condição de experimentação, de auto exploração por meio da experiência direta encontrada numa ação prática, longe das hipóteses teóricas.

A descrição do filósofo Martin Heidegger sobre experiência reforça essa ideia quando aponta:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, 1987, p. 143)

Os jogos teatrais voltados para a auto exploração e o autoconhecimento dos alunos são como a ‘pinça e o microscópio’ nas mãos do cientista, no qual o material de estudo é uma pessoa e o laboratório de experimentação é o palco.

À medida que a pessoa se auto explora e conhece mais sobre suas próprias limitações, abre as possibilidades de recriar a si mesmo. Quando passamos a ter um olhar mais investigativo, mais questionador, mais reflexivo, sobre as coisas e sobre nós mesmos, quando passamos a observar por conta própria, de maneira imparcial, sem o peso das crenças impostas, com um olhar mais de quem faz do que quem aceita, a possibilidade de criar uma nova realidade começa a ser alimentada, o caminho para criar novos rumos começa a se abrir.

Jogo aplicado e reflexões: sobre a Livre Iniciativa os melhores jogos, no meu entender, são os jogos de improvisação. A situação nova nos coloca num estado de espontaneidade, de ‘alerta novidade’, que permite uma ação mais livre, uma ação que esteja

menos vinculada a experiências passadas e que o aluno possa estar mais aberto, mais entregue a ela.

O primeiro passo para jogar é sentir liberdade pessoal. Antes de jogar, devemos estar livres. É necessário ser parte do mundo que nos circunda e torná-lo real tocando, vendo, sentindo, o seu sabor, e o seu aroma – o que procuramos é o contato com o ambiente. Ele deve ser investigado, questionado, aceito ou rejeitado. A liberdade pessoal para fazer isso leva-nos a experimentar e adquirir autoconsciência (auto identidade) e auto expressão. A sede de auto identidade e auto expressão, enquanto básica para todos nós, é também necessária para a expressão teatral. (SPOLIN, 2010, p. 06).

Descrição: frases em papéis. Escrevo frases aleatórias em diversos papéis picados e cada um deve pegar um. Um lugar ficcional é escolhido e eles devem jogar a partir desse local. Em cena são dois jogadores que devem improvisar diálogos e devem conseguir encaixar a frase sorteada na conversa. O primeiro que consegue esse feito sai de cena e entra um próximo jogador;

Objetivos: desenvolver a espontaneidade; escuta; habilidade em lidar com experiências inesperadas.

Reflexões geradas: esse jogo os deixa bastante eufóricos. Ao mesmo tempo em que há um nervosismo, um bloqueio para jogar, eles se sentem desafiados e se esforçam bastante, além de produzir muitas risadas.

Além da necessidade de estar no presente e atento para conseguir jogar, a maior dificuldade que percebo é o desafio de falar de assuntos que fogem de seu cotidiano. Os temas que costumam conversar entre si parecem ser limitados, giram em torno mais ou menos das mesmas coisas sempre. A frase no papel, para ser encaixada no diálogo, exige que a conversa caminhe por outros lados que são novidade para eles. Sinto que eles têm dificuldade com isso, mas vejo que é um exercício extremamente válido, pois emancipa a ‘zona de pensamentos’ pelas quais costumam ‘caminhar’, aumenta o vocabulário, aumenta a possibilidade de discursar e argumentar. Acredito que a possibilidade de criar seja possível quando saímos de nosso próprio lugar comum interior, denominado por Weor (1998) como ‘país psicológico’.

4.2. Coragem

Fundamento filosófico: Qual seria, afinal, a origem disso que chamamos de medo? O medo é uma proteção instintiva necessária? Ou é apenas um bloqueio mental ilusório que nos impede de explorar a vida?

Quando os pintinhos têm Medo, escondem-se debaixo das asas amorosas da galinha em Busca de Segurança. A criança assustada corre em busca de sua mãe, porque junto a ela sente-se segura. Está demonstrado que o Medo e a Busca de Segurança estão intimamente associados. O homem que teme ser assaltado por bandidos busca segurança em sua pistola. O país que teme ser atacado por outro comprará canhões, navios de guerra, armará exércitos e se porá em pé de guerra. Muitos sujeitos que não sabem trabalhar, aterrorizados ante a miséria, buscam segurança no delito e tornam-se ladrões, assaltantes, etc. (...) Todos os delitos, todas as guerras, todos os crimes, têm sua origem no Medo e na Busca de Segurança” (WEOR, 2008, p. 48).

Há que se saber distinguir uma ação consciente de simplesmente medo de agir. Claro que uma pessoa sensata não deve agir de forma inconsequente arriscando sua vida ou sua saúde em uma ação impulsiva qualquer. A vida nos custa muito caro e manter nossa vitalidade, moradia e alimento de fato são fundamentais. No entanto, o desejo de permanecer nos leva muitas vezes a uma autoproteção excessiva. Temos a tendência a criar uma zona de conforto que nos mantenha longe dos desafios e de imprevistos, mantendo-nos no controle da situação de forma que nossa sobrevivência e conforto sejam mantidos com o mínimo de esforço possível. Normalmente, nossas metas e ambições estão ligadas a conquistar essa zona de conforto ou a ampliá-la. Quando vemos essa zona de conforto ser ameaçada, o ‘não saber’ sobre o que vem a seguir, nasce em nós isso que chamamos de medo. Se além da zona de conforto, vemos nossa sobrevivência ser ameaçada, podemos nos tornar inclusive agressivos. Mas até que ponto esse receio em adentrar um terreno de desafios e incertezas pode ser benéfico? Seria possível conquistar novos resultados, novos conhecimentos, novos campos de percepção sem explorar os limites do já conhecido e passar pelo desconforto da incerteza? Seria possível ter resultados diferentes fazendo as mesmas coisas?

Para ter algo que nunca tive, preciso fazer algo que nunca fiz. Para conquistar algo que não tenho, preciso fazer algo que não estou fazendo. Querer o controle sobre o resultado de nossas ações, querer certezas, seguranças, garantias é o mesmo que dar às costas a vida e dar um grande abraço na morte. Por quê? Porque em sua essência, a vida é o desconhecido de instante em instante. A vida é insegura. É um desfile de formas em movimento constante. A cada instante, diante de nossos olhos, coisas estão sumindo e novas surgindo. Ou alguém previu há dez anos como estaria precisamente sua vida agora?

As circunstâncias que nos ocorrem, as pessoas que nos cercam, os lugares que frequentamos condizem perfeitamente com o que imaginávamos para nós antes? Quantos desencantos? Doenças? Surpresas agradáveis? O fato é que simplesmente não há como prever o que há adiante. A única certeza presente é a morte. A morte de nós e das formas que nos cercam. Uma forma se extingue para surgir outra em seu lugar. A morte é algo seguro, no sentido que é certo que irá acontecer. Quando nos apegamos ao que é seguro, a nos resguardar, a não arriscar, estamos nos aproximando da ‘não ação’ da morte. Quando nos lançamos no desconhecido, quando recebemos as situações com a compreensão de que todas elas são passageiras, quando abrimos o coração ao movimento contínuo, sem estagnações, sem garantias, sem falsos apoios mentais, sem apegos, estamos nos aproximando da vida e nos abrindo ao seu movimento contínuo. Tornando-nos conscientemente parte desse movimento contínuo. Assim, para vivermos de forma plena, devemos abandonar o medo, pois por medo da morte, rejeitamos a vida.

Os professores devem ensinar aos alunos a virtude da Coragem. É costume dos pais e professores atemorizarem a criança e o jovem com o propósito de que estudem. Na maioria das vezes, diz-se as crianças e aos jovens que se não estudam, terão que pedir esmola, vagar famintos pelas ruas, exercer trabalhos muito humildes, etc. No fundo, por trás dessas palavras existe o Medo pelo filho e a Busca de Segurança pelo filho. O grave de tudo isto é que a criança e o jovem ficam complexados, enchem-se de Temor e, mais tarde, na vida prática, serão sujeitos cheios de Medo. (WEOR, 2008, p. 49).

É urgente ensinar as novas gerações sobre a coragem autêntica. Por medo, não se questiona o que está estabelecido. Por medo de não ser aceito, de não ter um emprego, não ter sua zona de conforto, se aceita o que pensar, o que comprar e o que fazer. Por medo, aceitamos sobre do que se trata a vida e não questionamos por nós mesmos.

Jogo aplicado e reflexões: acredito que todos os jogos de improvisação sejam exercícios para trabalhar a coragem. Lançar-se a uma situação inteiramente nova ao mesmo tempo em que enfrenta a própria timidez e inibição geradas pelos olhos dos colegas de sala é um exercício e tanto de coragem. No entanto, compartilho aqui dois exercícios simples que sinto também trabalharem de forma positiva esse aspecto.

Descrição 1: ‘*anjo da guarda*’. Em duplas, um jogador tem os olhos vendados e deve explorar o espaço sem o sentido da visão, enquanto o outro jogador o acompanha por trás, garantindo sua segurança com leves toques previamente combinados alertando sobre algum obstáculo.

Objetivos: desenvolver coragem; desenvolver percepções da escuta e do tato; desenvolver confiança e trabalho em equipe;

Reflexões geradas: como o perigo real nessa situação é zero, o contraste do medo sentido pelo jogador vendado, aponta para o fato de que o medo existe apenas na mente do jogador e que esse aparece mesmo quando não há um perigo real a ameaçar, possibilitando ao jogador conhecer e trabalhar o próprio elemento medo em seu interior (Este também é um exercício para desenvolver confiança entre os colegas).

Descrição 2: ‘gato e rato’. Dois jogadores no centro de uma roda dos demais alunos. Um deles, ‘o gato’, é vendado e girado afim de confundir suas perspectivas. O segundo, ‘o rato’, não pode ser tocado pelo jogador vendado e deve fazê-lo sem sair da roda que os cercam.

A cada minuto a roda vai diminuindo o tamanho e a área de fuga do ‘rato’. Quando o ‘rato’ é pego, outro toma seu lugar e assim sucessivamente até que todos participem.

Objetivos: coragem; escuta; desenvolvimento das percepções de escuta e tato; desenvolver frieza na ação quando numa situação que nos limita, nos cerca;

Reflexões geradas: por algum motivo, esse jogo os deixa muito eufóricos. Não só os jogadores, mas os demais que compõem a roda gritam muito a cada possibilidade do ‘gato pegar o rato’. Observo que o ‘gato’ termina a atuação quase sempre com os olhos arregalados, bastante agitado e mais perceptivo de alguma forma. A impressão é que ter de se movimentar sem a visão, com gritos em volta e a adrenalina subindo, faz com que o aluno tenha que se jogar em um ‘escuro desconhecido’ e que inevitavelmente fique mais atento às suas percepções sensoriais.

Tirada a visão, que normalmente é a base em que mais nos apoiamos para agir, o aluno toma mais consciência de faculdades como a audição e o tato, por exemplo. Confiar exclusivamente nesses sentidos, que normalmente são negligenciados, é um exercício de coragem e de consciência corporal, que pode ser revelador para crianças que nunca tiveram contato com práticas assim.

É interessante também a reação do jogador no papel de ‘rato’. Ainda que este não tenha nenhuma restrição dos sentidos, o fato de ver o espaço que pode atuar ser diminuído gradativamente e seu ‘opressor’ ganhar tamanho, causa também um grande frenesi. Refletindo nessas cenas, imagino como esta pode ser uma pequena demonstração da relação opressor e oprimido, e esse oprimido que assim como na vida e na realidade dessas crianças, esquiva-se e desdobra-se para fugir de uma opressão que encurta espaços, fecha possibilidades e em algum momento te tira do jogo.

4.3. Memória

Fundamento filosófico: esse tema foi bastante abordado no princípio ‘Simplicidade’ levantado no capítulo anterior. Aqui o autor traz algumas questões um pouco mais específicas sobre esses temas:

Recordar é tratar de armazenar na Mente o que vimos e ouvimos, o que lemos, o que outras pessoas nos disseram, o que nos aconteceu, etc. Os professores querem que seus alunos armazenem em sua memória suas palavras, suas frases, o que está escrito nos textos escolares, capítulos inteiros, etc. Passar nos exames significa rememorar o que nos disseram, o que lemos mecanicamente, verbalizar de memória, repetir como papagaios, louros ou maritacas, tudo o que temos armazenado na Memória. É necessário que a nova geração entenda que repetir como disco de vitrola as gravações feitas na memória não significa haver compreendido a fundo (...). A lembrança pertence ao passado, é algo morto, algo que já não tem vida.

(...) A ação baseada na recordação do que tivermos lido, do ideal que aspiramos, da norma de conduta que nos ensinaram, das experiências acumuladas na memória, etc., é calculadora, depende do processo deprimente da opção, é dualista, artificioso, absurdo, sem espontaneidade, baseia-se na escolha conceitual e só conduz, inevitavelmente, ao erro e à dor. A compreensão autêntica manifesta-se como ação espontânea, natural, simples, livre do deprimente processo de escolha, pura, sem indecisões de nenhuma espécie. A compreensão convertida em recurso secreto da ação é formidável, maravilhosa, edificante e essencialmente dignificante (WEOR, 2008, págs. 83 e 84).

Jogo aplicado e reflexões: a questão levantada acima pode ser observada nas aulas com as crianças do morro quando a proposta da aula é algo muito distinto daquilo a que eles estão habituados. Quando não é possível apenas seguir um padrão, apenas agir embasado em suas experiências anteriores, eles se veem na necessidade de uma reflexão prévia. Muitas vezes o novo acaba gerando, inclusive, uma resistência em não querer fazer por medo do erro. Mas quando aceitam e se propõem, o resultado costuma ser produtivo.

Descrição: ‘Qual o animal?’ No jogo proposto em que eles deveriam transformar o corpo num corpo de animais diversos que seriam estabelecidos em uma sequência (BOAL, 1991, pág. 70). Essa ‘transformação’ deveria começar pelas pernas, depois pelo tronco, braços, rosto e por último o som desse animal.

Objetivos: desenvolvimento de consciência corporal;

Reflexões geradas: um gato, por exemplo, deveria ser ‘sentido’ apenas através das pernas primeiro. Mas e o resto do corpo, como se comportaria? A partir da mudança de estado de uma parte do corpo, de alguma forma, fez com que eles tomassem consciência sobre a parte do corpo que não estava em estado animal. Talvez fosse muito mais simples apenas imitar um gato por completo, pois esse foi um pedido insistente entre muitos alunos. Mas para ‘coabitar’ um gato e um ser humano nesse mesmo corpo, exige a necessidade de tomar consciência de ambos e quais são as diferenças para que essas pudessem aparecer.

Esse exercício simples é um exemplo de que o corpo poderia ser abordado de forma teórica, com um desenho da anatomia humana e seus distintos nomes ou pode ser percebido de forma mais prática, tomando consciência do que devo fazer e como me movimentar para que esse corpo esteja em outro estado.

4.4. Escuta

Fundamento filosófico: Acredito que seja impossível abordar o tema educação sem abordar esse item. O que é mais fácil: saber falar ou saber escutar? Dada a condição de que o aprendizado depende disso, será que sabemos escutar?

Existem oradores que assombam por sua eloquência, mas poucas são as pessoas que sabem escutar. Quando fala o professor, a professora, o conferencista, o auditório parece estar muito atento, como que seguindo em detalhe cada palavra do orador. Tudo dá a ideia de que estão escutando, de que se acham em estado de alerta, mas, no fundo psicológico de cada indivíduo, há um secretário que traduz cada palavra do orador. Este secretário é o Eu, o Mim Mesmo, o Si Mesmo. O Eu traduz as palavras de acordo com seus julgamentos, preconceitos, temores, orgulho, ansiedades, ideias, memórias, etc. Os alunos nas escolas não estão escutando o orador. Estão escutando a si mesmos, estão escutando seu próprio Ego, seu querido Ego maquiavélico que não está disposto a aceitar o Real, o Verdadeiro, o Essencial. Só em estado de alerta-novidade, com mente espontânea, livre do peso do passado, em estado de plena receptividade, podemos escutar sem a intervenção do péssimo secretário. A mente condicionada pelas experiências de tantos e tantos ontens, só pode ver o presente através das lentes turvas do passado. Se quisermos Saber Escutar, se quisermos aprender a escutar para descobrir o novo, devemos viver de acordo com a Filosofia da Momentaneidade (WEOR, 2008, págs. 68 e 69).

É lamentável perceber que passamos parte de nossa vida na escola com o intuito de aprender e que em nenhum momento nos ensinam ‘como aprender’. Algum dos queridos leitores já teve por acaso em seus anos de estudo uma aula intitulada ‘como aprender’ ou ‘como escutar’? Aquilo que seria a condição básica para que todo o processo escolar tenha sentido não nos é passado. No processo de aprendizagem é fundamental que existam duas coisas: informação e escuta. Mas se estamos escutando a nós mesmos, se estamos concordando ou discordando da informação assim que a recebemos de acordo com nossos pré-julgamentos e pré-conceitos, como poderemos aprender algo novo sem antes escutar?

Para aprender a escutar é preciso duas coisas: primeiro, se colocar num estado receptivo, passivo. Quem concorda ou discorda do que ouve, antes de colocar em prática e experimentar, não está escutando e não compreenderá.

Segundo, é preciso humildade. Temos a tendência a valorizar nossos pensamentos bem mais que a fala alheia. Quando alguém começa a falar, temos a tendência orgulhosa de mentalmente já ir rotulando o que serve ou não serve, o que é válido ou não. Quantas vezes nos vimos em uma situação de debate ou discussão, onde enquanto falamos, se vê nitidamente nos olhos da outra pessoa que ela não nos escuta, está apenas formulando a resposta que dará à nossa colocação em questão? Quantas vezes cada um de nós fez isso? Quantas vezes durante uma conversa, a pessoa que conversamos conclui seu raciocínio com uma pergunta e de repente nos damos conta de que não sabemos do que ela fala? Então envergonhados pedimos pra repetir ou o que é pior, respondemos com um vago ‘uhum’, na esperança de que não seja uma pergunta que exija mais do que isso. Isto nos acontece porque não estamos presentes. Não estamos com a mente quieta, despertos e conscientes do aqui e agora, e temos a tendência a estar sempre escutando a nós mesmos, ao ‘discurso íntimo’ que se profere dentro de mim mesmo e que torna impossível escutar a pessoa a minha frente. Não se pode escutar com atenção duas coisas ao mesmo tempo. Enquanto a atenção estiver voltada para o ‘tagarelar’ interior não teremos o silêncio necessário para realmente escutar.

Jogo aplicado e reflexões: há muitos jogos teatrais que possibilitam exercitar a escuta. Os jogos de improvisação, de um modo geral, são excelentes como exercícios para esse fim. Destaco aqui dois dos jogos que mais trabalho com os alunos do *CE* e que observo um resultado excelente. Um deles é o jogo do espelho e suas diversas variações (SPOLIN, 2010, p. 55, 60, 68, 100 e 211).

Descrição 1: dois alunos são colocados de frente um para o outro. Os alunos devem se olhar nos olhos por alguns instantes e estabelecer cumplicidade. Os instruo para que identifiquem a timidez e que vão além dela. As regras então são que um é o espelho (A) e o outro inicia todos os movimentos (B). O primeiro reflete todas as atividades e expressões faciais do segundo. Olhando para o espelho, B realiza uma atividade simples como lavar-se, vestir-se, etc. Depois de algum tempo os papéis são invertidos.

Objetivos: desenvolver escuta; cumplicidade; respeitar a singularidade do outro; ampliar repertório físico de movimentos;

Reflexões geradas: existem diversas variações desse exercício e trazem um resultado potente, imediato. Uma das variações que mais uso é colocá-los em duas filas, estas de frente uma pra outra e a uma certa distância uma da outra. O primeiro de cada fila estabelece o jogo e vão caminhando em direção um ao outro. Porém aqui, ao invés de movimentos cotidianos é utilizado a dança. O primeiro deve buscar movimentos dentro de uma música e o espelho reflete a expressão corporal deste. Os dois que concluem vão para o fim da fila e saem os próximos, e assim sucessivamente.

Esse exercício tem um resultado muito bom. Muitas vezes imediato. Ele coloca os alunos num estado de maior escuta e estabelece uma relação com o outro. O efeito dele é tão imediato que utilizo como uma espécie de ‘carta na manga’ quando os sinto agitados demais. Por diversas vezes entram em sala já muito agitados, correndo para todos os lados e com a concentração quase a zero. Uso esse exercício como recurso e a diferença é imediata. Aumenta a concentração deles para a aula e para os outros exercícios que virão e eles estabelecem uma conexão entre eles. O fato de terem que se olhar nos olhos é algo bastante poderoso e faz com que tenham uma escuta maior. Uma aula que tenderia a ser mais caótica, com a energia deles voltada para todos os lados, muitas vezes é melhor aproveitada se utilizando desse recurso de escuta.

Descrição 2: outro exercício que utilizo muito e que também tem um resultado excelente relacionado à escuta é novamente o exercício do ‘anjo da guarda’. Existem também diversas variações, comento aqui a mais simples e que mais utilizo: os alunos são divididos em duplas. Um deles é vendado e o outro fica atrás. O aluno vendado deverá caminhar pela sala e seu ‘anjo da guarda’ estará atrás dando instruções. Quando o anjo da guarda toca o ombro esquerdo o cego deve virar para a esquerda, tocando o ombro direito, vira para a direita

e tocando a cabeça o cego deve parar. Cego não pode parar de caminhar e o anjo deve guiá-lo para que não esbarre em nada nem ninguém.

Reflexões geradas: o efeito observado desse exercício também é muito válido. Os alunos tendem a uma maior escuta e estabelecem uma relação de cumplicidade entre eles. Observo que mesmo os mais ativos e agitados tendem a se concentrar um pouco mais e os torna mais receptivos, ficam mais abertos para os próximos exercícios propostos na mesma aula.

Viola Spolin define bem como exercícios que excluem a visão podem ser úteis para trabalhar a escuta e a percepção dos alunos:

Ao quebrar a dependência do aluno do sentido da visão, a energia é liberada para novas áreas – as mais importantes das quais são ouvir e escutar. Este exercício força o aluno-ator a estar atento da cabeça aos pés para o que está acontecendo no palco e cria consciência corporal dos objetos e colegas atores (...) (SPOLIN, 2010, p. 156).

Para desenvolver um músculo é preciso exercitá-lo. Músculo que não se exercita se atrofia, certo? Da mesma forma, necessitamos tomar consciência e exercitar nossos sentidos para desenvolvê-los, para ampliá-los. Nossa interação com mundo se dá através de nossos sentidos e potencializar nossas faculdades sensoriais é fundamental para se autoconhecer melhor e para tornar a relação com o meio externo mais eficaz.

4.5. Disciplina

Fundamento filosófico: poderíamos dizer que disciplina é isso que se chama ‘cultivo da resistência’. Aos professores de escola, normalmente agrada cultivar a resistência. “Ensinam-nos a resistir, a erigir algo contra alguma outra coisa” (WEOR, 2008, p. 33). Ensinam-nos a resistir à preguiça, a resistir à tentação de não estudar, de não ir à escola, de brincar, de rir, de desrespeitar os professores e os códigos de conduta, de ‘sair da linha’, etc.

No entanto, o autor traz uma visão bastante distinta sobre a disciplina e como aplicá-la:

Existe entre as pessoas o conceito equivocado de que, quanto mais resistimos, quanto mais rechaçamos, nos tornamos mais e mais compreensivos, livres, plenos, vitoriosos. Não querem as pessoas dar-se conta de que, quanto mais lutamos contra algo, quanto mais resistimos, quanto mais rechaçamos, menor é a Compreensão. Se

lutarmos contra o vício da bebida, este desaparecerá por um tempo. Mas, como não o compreendemos a fundo, em todos os níveis da Mente, ele retornará depois, quando descuidemos da guarda e bebermos de uma vez para todo ano (WEOR, 2008, págs. 33 e 34).

Se alguém rejeita o vício do jogo e todos os seus males, por exemplo, sem se preocupar em compreender a fundo as causas e os mecanismos que o move a jogar e colocar em risco o patrimônio de sua própria família, o resultado poderá ser a resistência ao jogo por um tempo, mas basta um descuido para que essa pessoa aposte tudo o que tem e o que não tem numa noite qualquer.

“Muitos são os que rechaçam a cobiça, se disciplinam contra ela, seguindo determinadas normas de conduta. Mas por não haverem compreendido de verdade todo o processo da cobiça, acabam no fundo cobiçando não ser cobiçosos” (WEOR, 2008, p. 34).

A vida particular de cada um de nós certamente é recheada de exemplos sobre coisas que gostaríamos de superar. É impossível contar a quantidade de vezes que lutei contra minha gula e as tentativas de resistir a ela. Quantas vezes a sufoquei ‘estrangulando-a’ e controlando-a durante um certo período? Após algum tempo me via finalmente num rodízio de pizzas, entregue à calabresa e ao catupiry como um glutão da Idade Média entregue a porcos assados. Quantos amigos considerados como pessoas irritadas, que se tornam ‘equilibradas’ por algum tempo, e terminam agredindo e brigando em alguma festa por motivo absolutamente fútil? Seria possível ir além de algo que não compreendemos? Seria possível compreender algo que evitamos ter contato?

Para Weor (2008):

Só com plena ausência de castigos, só com liberdade autêntica, surge na mente a ‘Labareda Ardente da Compreensão’. A Liberdade Criadora não pode jamais existir em uma armadura. Precisamos de Liberdade para compreender nossos defeitos psicológicos de forma íntegra (...). Temos de experimentar por nós mesmos tudo aquilo que nossos professores na escola e nossos pais nos disseram que é bom e útil. Não basta aprender de memória e Imitar. Precisamos compreender (WEOR, 2008, págs. 34 e 35).

Viola Spolin (2010) define disciplina como envolvimento. Para ela, temos receio de nos desligarmos de padrões mais convencionais de ação e pensamento. Dentro de um padrão, nos sentimos mais confortáveis, dentro de uma zona de conforto pré-estabelecida, onde estamos sendo controlados, mas assim nos sentimos seguros. Pensar uma atmosfera mais livre em que permeiam alunos mais libertos repercute em nossas mentes um panorama maluco. “É possível que confundamos licença com liberdade?” (SPOLIN, 2010, pág. 257).

Criadora e articuladora de jogos teatrais de improvisação, Spolin questiona:

Examinemos a premissa de disciplina, propondo algumas questões. Que queremos de fato significar, ao falarmos deste problema com crianças? Queremos mantê-las quietas? Desejamos que cumpram nossas ordens? Imaginamos o controle do indivíduo? Ou pensamos em resignação? Quantos se ocultam através dessa palavra, quando desejam na realidade impor sua vontade ou suprimir a vontade do outro? Quantas crianças são enviadas para a cama porque a mamãe está cansada? (SPOLIN, 2010, pág. 257)

A criança ‘bem comportada’ não necessariamente é uma criança disciplinada. Ela pode apenas estar desejando obter a recompensa no lugar do castigo, a aprovação ao invés de desaprovação. Não existe compreensão e naturalidade em seu agir. Reproduzir a ação esperada através do processo recompensa ou castigo, uma foca amestrada também pode fazê-lo.

A disciplina quando imposta produz inibição e ações de rebeldia nas crianças; é negativa para o ensino. Porque quando a “jaula” é aberta, tudo fica como antes e por vezes pior. Por outro lado, quando o problema da disciplina não é uma “luta” para obter posição, mas representa uma escolha livre por amor à atividade, torna-se ação – ação criativa (SPOLIN, 2010, pág. 258).

A disciplina, portanto, nasce da liberdade. Nasce da escolha de um caminho baseada na compreensão de que esse caminho é melhor, ou que terá uma consequência mais produtiva para quem o escolhe. O papel do professor deve ser apresentar possibilidades, oferecer escolhas, e naturalmente, o aluno seguirá intuitivamente aquilo que vai de encontro aos seus anseios, ao seu íntimo.

Reflexão sobre a prática no Centro Educacional

Sobre esse princípio aplicado ao *centro educacional*, muitos exemplos podem ser levantados. Mas o fundamental é considerar sobre a escolha das atividades propostas em sala. Muitas vezes, a atividade trazida para aula não atrai a participação de todos os alunos. Alguns deles, bravejam e reclamam dizendo ser uma atividade chata. E por diversas vezes, cometi o erro de tentar obrigá-los a participar. Que deixassem de ser ‘indisciplinados’ e participassem juntos aos demais colegas. O resultado é uma participação forçada, que não produz ‘frutos de aprendizagem’ para o ‘indisciplinado’ e ainda atrapalha o andamento, o fluir, daqueles que realmente se propuseram. A objeção por parte daquele que participa sem ter vontade, interfere na fluidez da atividade comprometendo a experiência de todo o grupo. Hoje entendo que se alguns alunos não querem participar é porque minha proposta não é tão interessante. As atividades que trago para a sala são sempre um convite e não forço nenhum dos alunos a

participar. Quando a adesão não é total, deixei de me perguntar sobre o que fazer com tal aluno e passei a me perguntar quais atividades poderia trazer para conquistar inclusive os alunos de maior rebeldia.

Jogo aplicado e reflexões: uma boa forma de atrair a atenção dos alunos no *centro educacional* é através da música. Eles realmente gostam e são atraídos para as atividades quando se envolve essa linguagem. Um exercício que gosto de trazer é colocar uma determinada música que eles gostem e de forma livre dançamos pela sala.

Descrição: num primeiro momento, os alunos devem dançar da forma mais solta possível. Em seguida, dançar de um jeito que nunca dançou. Depois, dançar com partes do corpo que nunca dançou. Dançar apenas com uma determinada parte do corpo, etc.;

Objetivos: desenvolver disciplina através do engajamento com a atividade; quebrar padrões corporais e explorar repertório de movimentos corporais; consciência corporal;

Reflexões geradas: por que esse exercício seria produtivo a trabalhar o aspecto disciplina? Porque o exercício está diretamente vinculado a algo que eles realmente gostam. Eles participam dessa atividade não porque precisam, porque o professor está cobrando participação, mas simplesmente porque querem. Como vimos no capítulo anterior, Spolin coloca muito bem que a disciplina surge da escolha por uma atividade de forma espontânea. Após uma atividade em que eles se entregaram, fizeram as regras, se colocaram no espaço da forma que eles quiseram e não como alguém determinou, como consequência, sinto que se interessam mais pela aula e para a próxima atividade. Logo, há um interesse despertado pela aula, há uma vontade de se disciplinar à ela, vontade que não é imposta, mas que vem de dentro para fora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada um tem o direito de opinar como queira, mas minha percepção sobre a educação contemporânea como um todo, em colégios e universidades em todo mundo, é de que esta é bastante limitada. É evidente que conheço uma ínfima parte dos sistemas educacionais existentes, mas o que observo é que de maneira geral a educação é voltada para desenvolver fundamentalmente dois pontos no indivíduo: o seu raciocínio e suas habilidades necessárias para exercer uma profissão.

É claro que estas são questões fundamentais e que todo ser humano deve desenvolvê-las. Mas o espaço reservado para outros campos do conhecimento como a filosofia e o autoconhecimento é quase inexistente. Para mim soa como absurdo que fiquemos cerca de vinte anos nos bancos escolares, entre ensino fundamental e universidade, e o fator existencial seja praticamente ignorado como se esse fosse um mero detalhe. Como se o fato de sabermos que estamos num ambiente desconhecido (chamado vida) e que em pouquíssimo tempo iremos deixá-lo definitivamente fosse algo irrelevante. Por que não temos disciplinas aprofundadas sobre a vida e obra daqueles que foram pilares do conhecimento humano como Buda, Jesus, Lao Tsé, Confúcio, Platão, Pitágoras, Dante, etc.? Quantas disciplinas existem sobre como se relacionar consigo mesmo? Quantas matérias sobre como agir nos relacionamentos interpessoais? Quantas sobre autocontrole emocional ou como dominar a própria mente? Não lidamos diariamente com emoções? Quantas sobre como administrar conflitos ou lidar com problemas? Afinal, não os temos cotidianamente? Seria a fórmula de bháskara ou a velocidade da g mais presente em minha vida do que a necessidade de lidar com problemas? Quantas disciplinas sobre como aprender a escutar?

Entendo que a educação autêntica deve contemplar a existência como um todo, dando a cada aspecto da vida sua justa importância, estimulando as ações para uma vida baseada na sabedoria da experiência direta, da compreensão a fundo, do protagonismo existencial, eliminando a crença, o teorizar sem comprovar, da perspectiva do que é considerado válido. A erudição sem experimentação é uma evasiva para fugirmos de nós mesmos e de nosso 'não saber'. Ainda que essa erudição se valha de uma retórica refinada que justifica e legitima a crença, estabelecendo falsamente o conceito como realidade.

A educação atual resultou num rotundo fracasso porque dá exagerada importância à técnica, à profissão e é óbvio que, ao sublinhar a técnica, converte o homem em um autômato mecânico, destrói suas melhores possibilidades (...). O progresso tecnológico geral, sistemas de transporte, máquinas contadoras, iluminação elétrica, elevadores dentro dos edifícios, cérebros eletrônicos de toda espécie, etc., resolvem

milhares de problemas que se processam no nível superficial da existência, mas introduz no indivíduo e na sociedade uma infinidade de problemas mais amplos e mais profundos.

Viver exclusivamente no nível superficial sem ter em conta os distintos terrenos e regiões mais profundas da mente, significa, de fato, atrair sobre nós e sobre nossos filhos miséria, pranto e desespero. A maior necessidade, o problema mais urgente de cada indivíduo é compreender a vida em sua forma integral, unitotal (...).

Nenhuma profissão, nenhuma técnica pode jamais nos dar isso que se chama Plenitude, Felicidade Verdadeira. Sem a compreensão de nós mesmos, a mera ocupação, ofício ou profissão, leva-nos a dor e a busca de evasivas. Alguns buscam escapatórias através do álcool, da cantina, da taberna, do cabaré. Outros querem escapar através das drogas e outros por meio da luxúria e da degeneração sexual. Quando se quer reduzir toda a vida a uma técnica, a uma profissão, a um sistema para ganhar mais e mais dinheiro, o resultado é o aborrecimento, o fastio e a busca por evasivas.

Devemos converter-nos em indivíduos íntegros, completos, e isso só é possível, Conhecendo a Nós Mesmos e dissolvendo o Eu Psicológico. A Educação Fundamental, ao mesmo tempo em que estimula a aprendizagem de uma técnica para ganhar a vida, deve realizar algo de maior importância, deve ajudar o homem a experimentar, a sentir em todos os seus aspectos e em todos os territórios da mente, o processo da existência. (WEOR, 2008, págs. 207 e 208).

Meu objetivo com as oficinas que ministro não é formar atores. Aprender uma técnica que possibilite melhorar as formas de se expressar é algo extremamente útil, mas também é secundário. Meu objetivo é estimular essas crianças e jovens a se autoconhecerem melhor. É apresentar-lhes a imensidão e a vastidão de um mundo, chamado mundo interior. É fazê-los perceber que são capazes de criar e que podem se relacionar com as experiências que chegam a suas vidas a partir de um outro olhar.

Em meio às matemáticas, línguas e ciências, as disciplinas encontradas em uma escola voltada para a formação integral do ser humano teriam títulos como: ‘a arte de saber escutar’, ‘autoconhecimento’, ‘imaginação, inspiração e intuição’, ‘vida e obra dos grandes Mestres’, ‘o despertar da Consciência’, ‘a ciência da meditação’, ‘o som e os chakras’, ‘os segredos da mente’, ‘equilíbrio emocional’, ‘a arte de resolver conflitos’, ‘como resolver problemas’, ‘relações interpessoais’, ‘como tomar decisões’, etc.

Para concluir, cito um exemplo bastante marcante no processo escolar com as crianças esse ano, que ilustra um pouco dos princípios levantados até aqui. Com a apresentação de dança no fim de ano, como já comentado, fiquei responsável pela elaboração de umas das coreografias da apresentação.

Diante da complexidade que envolve a realização de um processo em que mais de cem crianças devem subir a um palco para uma apresentação artística é quase impossível defini-lo em algumas palavras, pois essas o limitariam, o encaixotariam numa forma que esse

não cabe. Foi preciso muito trabalho, muito sacrifício de si e passar por muitos altos e baixos. Exigiu também grande desprendimento de energia e respostas rápidas em situações de imprevisto e de adversidade. Essa soma de elementos trouxe como resultado um aprendizado daqueles que realmente só a prática do fazer nos traz.

Iniciei o processo com dois grandes desafios, acredito: o primeiro era conquistar respeito e confiança por parte delas com menos de um mês como professor na escola. Enquanto educadores, sabemos que existe uma natural fase de teste, em que as crianças testam o professor para saber quais os seus limites e se você merece sua confiança ou não. Dada uma indisciplina bastante comum, por diversas vezes, sentei no chão com as costas no espelho da sala e, literalmente, quase chorando, pensei em desistir. O processo se deu então, ao mesmo tempo em que eu passava por esse ‘estágio probatório’ por aqueles que são em última instância nossos grandes avaliadores como professor.

O segundo desafio que encontrei foi o de trabalhar uma linguagem a qual não sou especialista, a dança. A partir desses desafios postos, os momentos de baixa e de receio em não atingir o resultado, foram muitos. Em sala, por incontáveis vezes não consegui levá-las a uma disciplina mínima necessária para realizar uma performance assim. O tempo era curto, o resultado estava longe e não sabia o quanto podia exigir delas, tanto em termos de técnica, quanto em termos de disciplina e comprometimento para ensaiar e ter foco.

No entanto, minha vontade era muito grande, o talento delas é enorme e o amor que desenvolvi pelas crianças trouxe um senso de renovação incansável. Pude vivenciar um pouco do conceito defendido pela pedagoga Beatriz Goulart, palestrante em um simpósio marista do qual participei, sobre o ‘mestre ignorante’, em que defende que na educação a vontade é mais importante que o conhecimento, pois é a vontade quem verdadeiramente leva a esse segundo. Na palestra, Beatriz trouxe um exemplo de uma escola em que o professor de inglês, leciona biologia. O professor de matemática leciona geografia. Na proposta de que o professor, assim como as crianças, também não conhecendo o conteúdo, faz com que busquem e aprendam juntos o conteúdo, exercitando uma lógica mais horizontal de aprendizagem e sob o argumento de quebrar a tendência a ‘cristalizar’ uma forma de ensinar, comum quando o professor ‘domina’ o tema trazido e o repete ano após ano a cada turma nova.

Sem dominar qualquer técnica ou didática sobre dança ou como criar uma coreografia, a vontade me levou a insistir e ser um facilitador para que elas criassem. Aos

poucos, elas foram comprando a ideia e gostando mais da proposta. Na mesma medida em que se permitiam, a guarda foi abaixando, e assim, com extrema beleza, como o Sol vai nascendo em meio a noite escura, o talento dessas meninas foi surgindo. Foi como assistir a um parto. Pouco a pouco, senti presenciar a Arte que gestava dentro de cada uma delas e que agora se apresentava diante de nossos olhos, em formas e movimentos. Gosto de pensar na alusão com Sócrates, que com seu método da *maiêutica* (que significa *parto* ou *'dar à luz'*, em grego), por meio de perguntas levava seus discípulos a dar à luz ao próprio conhecimento. Talvez isso seja um pouquinho do que o filósofo sentia ao ser um facilitador, não alguém que ensina, que transmite, que sabe, mas simplesmente alguém que facilita a experiência de aprendizagem.

A apresentação foi belíssima. A comunidade aplaudiu de pé as meninas 'lavadeiras', tema de nossa apresentação. A dança que quase não aconteceu, hoje (março/2014) está num processo de gravação de vídeo clipe a pedido da direção do colégio.

Chego à conclusão nesse trabalho que o mais importante no processo da educação são os princípios que a regem. Tendo como referência o teatro, quais exercícios e jogos aplicar é um fator importante, mas não garante resultados. Seja através do teatro, seja ensinando matemática ou biologia aos alunos, acredito que o mais importante para um professor seja estar bem enraizado em quais os princípios que o rege. Sua prática será uma consequência desses valores norteadores muito mais que a forma com que se apresenta. E acredito que princípios que tem como base o despertar da Consciência e a compreensão profunda sobre si mesmo, contribuem de maneira significativa para a formação de um indivíduo integral. A partir desses princípios, tendo no teatro um veículo para trazer esses elementos à tona, não me resta dúvida que o teatro pode, sim, ajudar tanto as crianças do *centro educacional*, como qualquer ser humano que se proponha a esse fim, criando novos mecanismos de comunicação, de reflexão, de interação, e assim, abrindo espaço para o indivíduo se recriar enquanto pessoa e enquanto profissional, sendo menos vítima da realidade que o cerca e mais protagonista nos rumos que sua vida pode levar.

“Te advirto,
quem quer que sejas,
Oh Tu, que desejas sondar os Mistérios da Natureza.
Como esperas encontrar outras excelências,
Se ignoras as de tua própria casa?
Em Ti está oculto o tesouro dos tesouros.
Oh Homem!,
Conhece-te a ti mesmo,
E conhecerás o Universo e os Deuses” (Templo de Delphos – Grécia – Séc. IV a.c.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **La esencia del habla.** In: De camino AL habla. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 1987.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura.** Trad. João Paulo Monteiro. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

WEOR, Samael Aun. **Educação Fundamental.** Belo Horizonte: AGEAC, 2008.

WEOR, Samael Aun. **Psicologia Revolucionária.** Belo Horizonte: AGEAC, 1998.

WEOR, Samael Aun. **A Grande Rebelião.** Belo Horizonte: AGEAC, 2012.

WEOR, Samael Aun. **La Revolución de la Dialéctica.** Madri: AGEAC, 2005.